PARA TODOS...

ANNO XII — NUM. 614 RIO DE JANEIRO, 20 DE SETEMBRO DE 1930 PREÇO: 1$000

COMO ESTE GLOBO

Conterá o

Almanach do "O MALHO"

de 1931

um pouco de

todo o

mundo

Entre todas as publicações

Cinematographicas

prefiro e preferirei o

"Cinearte-Album"

que está preparando,

para 1931,

uma edição luxuosissima

com bellos Retratos Coloridos

dos maiores Artistas de

Todo o Mundo

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organisado na America do Sul -- O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz.

A litteratura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintenio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de bôa litteratura.

A litteratura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TADOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com a "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessôa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concorrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade da S. A. "O Malho", durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra quelquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.	CONTOS HUMORISTICOS comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000
2º " .... 300$000	2º " .... 300$000	2º " .... 300$000
3º " .... 250$000	3º " .... 250$000	3º " .... 250$000
4º " .... 150$000	4º " .... 150$000	4º " .... 150$000
5º " .... 100$000	5º " .... 100$000	5º " .... 100$000
6º " .... 50$000	6º " .... 50$000	6º " .... 50$000
7º " .... 50$000	7º " .... 50$000	7º " .... 50$000
8º " .... 50$000	8º " .... 50$000	8º " .... 50$000
9º " .... 50$000	9º " .... 50$000	9º " .... 50$000
10º " .... 50$000	10º " .... 50$000	10º " .... 50$000
11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho", — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho", — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho", — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, terá mais ou menos a duração de 5 mezes, afim de permittir que escriptores de todo o paiz, desde o mais recondito logarejo, possam a elle concorrer. Assim, o presente concurso será encerrado no dia 22 de Novembro proximo, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para-todos..."

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO DE JANEIRO

Para todos...

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignatura: Brasil—1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro— 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

Um Automovel Despedaçado

De Octavio Roy Cohen

No dia em que Martha Morrell recebeu uma herança de mil pesos, travou logo com o seu joven marido uma discussão acerca do que deveriam fazer com esse dinheiro.

Mil pesos é uma somma sem importancia, mas para os jovens casados representava uma fortuna. Elle tinha 26 annos de idade, tres mais do que ella. Ganhava um ordenado mensal de 280 pesos, e uma vez pagos os gastos do aluguel, alimentação e roupas, mal lhes ficava algum dinheiro para outros gastos pequenos e algum que guardavam para o caso de uma doença. Nunca lhes sobrava nada.

Mas quando vieram os mil pesos, na emoção dos primeiros momentos planejaram cousas importantes: um fundo de reserva, a acquisição de titulos aos seis por cento de interesse annual ou o pagamento da primeira quota de uma casinha nos suburbios. Mas afinal, justamente por serem muito moços, ao par que muito apaixonados um pelo outro, e sentindo o attractivo irresistivel dos divertimentos e das excursões, resolveram empregar todo o dinheiro da herança na compra de um automovel.

Era um lindo auto pequeno, promissor de felicidade que nunca tinham conhecido. Era a realização de um sonho e de uma ambição. Concordaram os dois em que a acquisição era absurda mas, na idade delles as cousas absurdas são as que causam mais prazer.

Martha tinha ciumes da sua felicidade e não ignorava que Henrique sempre sentira loucos desejos de possuir um automovel. Nada faltava para que a sua felicidade fosse completa, e agora que o vehiculo era delles, passeavam pelas estradas nas claras noites de verão e nos domingos de tarde.

Martha dizia que o auto lhe pertencia, mas que era tanto delle quanto della, e Henrique pareceu convencer-se disto ultimo, o que causava immenso prazer a Martha.

Foi sómente quando elle começou a sahir só de noite que ella se sentiu desapontada. Passaram-se os mezes e notou uma grande mudança gradual no marido. Parecia inventar desculpas para se afastar de casa. E essas noites lhe pareciam horrivelmente solitarias.

Até que numa occasião, Martha achou que a solidão dos aposentos era insupportavel. Sahiu á rua, tomou um bonde e dirigiu-se ao centro para ir a um cinema. No bonde encontrou-se com uma amiga que a olhou nos olhos, e notou nelles uma grande expressão de pena. Perguntou-lhe rapidamente:

— Que tens, Martha?

A joven esposa sorriu.

— Nada. Por que?

Estava olhando atravez da janellinha. Ao lado do bonde passou um pequeno auto, manejado por seu marido, acompanhado por... uma rapariga.

O film foi para ella um verdadeiro pesadello e sentiu-se alliviada quando a amiga lhe suggeriu a idéa de se retirarem antes do film. Em casa esperou só o regresso do marido.

Como sempre, nessa noite ao voltar á casa, Henrique mostrou-se satisfeito, e, respondendo ás suas carinhosas perguntas, Martha disse simplesmente que estava com dôr de cabeça. Mas na manhã seguinte pediu-lhe que deixassse o vehiculo porque ella o queria utilisar...

Dizia-se a si mesma que fôra uma tola ao pensar que elle a amava... embora no intimo soubesse que isto era verdade. Mas receava pelo futuro.

E nesse mesmo dia, á tarde, telephonou-lhe para o escriptorio:

— Eddie, aconteceu uma cousa horrivel.

O terror que notou na voz do marido lisonjeou-a.

— A ti não, não é verdade? Não te aconteceu nada?

— Não, Eddie; foi o auto. Eu passeava fóra e soffri um accidente. O auto ficou despedaçado.

— Estás ferida?

Martha ficou emocionada com a pergunta. Já não pensava mais no auto...

— Estou muito bem, querido. Mas o auto está uma ruina.

— Que o diabo leve o auto! Tu és a unica cousa que me importa.

Fez-se uma pausa. Elle parecia um pouco confuso. Martha ouviu-lhe dizer alguma cousa que não entendeu bem.

— Que, Eddie?

— Nada... que me sinto mal, devido ao susto que me pregaste. Quando começaste a falar assim, senti calafrios. Pensei que estivesses ferida.

— Sua voz tremia.

— Sentirias muito se eu ficasse ferida?

— Muito. — Sua voz continuava tremula.

— Martha: até que tu não pronunciaste "accidente", não soube nunca o muito que te quero.

. . . .

No escriptorio de uma grande companhia de seguros havia um empregado estupefacto conversando com um dos directores.

— Esse accidente do auto dos Morrell, é uma cousa curiosa. Ha uma ladeira que conduz até á beira do rio. Ahi encontrei um individuo que viu a senhora Morrell descer do vehiculo e deixar que o mesmo se despedaçasse contra os rochedos. Disse-me o mesmo typo que, depois do accidente, ella se foi embora sorrindo.

— Hum! — disse o director. — Teremos que prestar muita attenção a este caso.

— Não, não devemos prestar a menor attenção. A senhora Morrell nega-se terminantemente a fazer qualquer reclamação relativa á cobrança do seguro.

TRADUCÇÃO DE ANELÊH

JOSEPHINA chegou ao seu gabinete, recatado de todo o ruido exterior, e sentou-se deante da sua escrivaninha. Permaneceu ali longo tempo, pensativa; com a pallida fronte apoiada nas brancas mãos impeccaveis; com os olhos semi-cerrados, lindos olhos, cujas verdes pupillas myopes tinham extranhos fulgores de vivida esmeralda; com os labios finos e rosados contrahidos numa expressão a um tempo severa e cruel.

Profunda inquietação perturbava o espirito de Josephina. Dez dias durava a ausencia de João Manuel, sem que uma só carta chegasse para acalmar a angustia tremenda da amante, angustia de espera, mais afflictiva ainda porque era forçada a dissimulal-a aos olhos do marido e principalmente de sua filha, Margot, enteada della.

Era o primeiro desgosto que em quasi dois annos de amor culpavel soffria Josephina. Até então tudo decorrera com tal discreção, com tamanho recato e mysterio que nem a mais leve suspeita por parte da familia, nem a menor sombra de desamor tinham turbado a sua equivoca felicidade de esposa.

Arranjara, desde o principio do idyllio um meio engenhoso para que João Manuel pudesse vel-a. Margot, a filha do seu marido, estava então nos dezoito annos, e Josephina obrigou João Manuel a cortejal-a para que assim, as relações officiaes da enteada servissem de pretexto ás suas visitas e encobrissem o amor prohibido de ambos.

Agora sorria, lembrando-se do exito do seu estratagema.

Ninguem desconfiou do embuste, e ella descansou no seu triumpho, não receando sequer que João Manuel pudesse apaixonar-se pela sua noiva official.

Nesse momento, Josephina mediu bem o perigo e as consequencias que viriam. Não havia o perigo do rapaz se enamorar pela outra. Josephina, com os seus esplendidos trinta annos, seus olhos verdes, sua tez de nacar e rosa, e seu corpo esbelto, harmonioso e cheio de suave belleza, não admittia rivalidades com a enteada, essa rapariguinha fragil e pallida demais, na qual só pareciam viver os grandes olhos negros.

Entretanto, — reflectia Josephina — nesses dois ultimos annos, como se o seu amor por João Manuel a embellezasse, transfundindo-lhe nova seiva, Margot soffrera notavel transformação.

A historia de La Vallière

De Julián Fernandez Piñero

Os cabellos, louros, como as decantadas espigas biblicas; em compensação, depois, negros os olhos luminosos e avelludados, velados por longas pestanas crespas; afilado o nariz de rosadas narinas vibrateis; pequena e carnuda, a bocca vermelha, como um doce fruto sumarento; brancas e macias as mãos finas; o talhe, gracioso; redondos e harmoniosos os hombros; o pé pequeno; no andar, um rythmo gracioso e ondulante, emfim, Margot já era uma deliciosa mulherzinha que, na rua, fazia com que os homens se virassem á sua passagem, mesmo quando ia acompanhada pela madrasta.

Dez dias antes, João Manuel, pretextando um affazer urgente, fôra para a sua terra, ao lado de seus paes. Em todo esse tempo, só soubera noticias delle pela enteada que recebia diariamente carta sua.

A Josephina, nem uma vez escrevera. Ella o attribuia a excessiva prudencia e discreção por parte do amante que sempre punha demasiada cautela em tudo, evitando assim compromettel-a. Mas — pensava ao mesmo tempo — nem uma linha só! Umas palavras de lembrança, que, embora sem a assignatura delle, teria reconhecido!...

Em tal estado de animo se achava Josephina essa tarde, no seu gabinete, quando leves pancadas soaram á porta, arrancando-a da sua abstracção. A creada, pedindo licença, entrou no aposento:

— Minha senhora, esta carta que acaba de chegar.

Oh, por fim! No enveloppe, mesmo antes de agarral-a, reconheceu a letra de João Manuel.

Entretanto, perguntou á creada:

— Veiu esta só?

— Não; veiu outra tambem para a senhorita Margot.

Ao ficar só, Josephina rasgou o sobrescripto, com impaciencia e leu:

"A princeza Henriqueta de Inglaterra, apaixonada por Luiz XIV de França, obrigou este a fingir amor a uma humilde dama de honor, a mais feia da côrte, para assim dissimular o seu capricho.

O amor do Rei-Sol tranformou de tal modo a dama de honor que, mezes depois, ella se chamava a Duqueza de La Vallière, e annos mais tarde accrescentara á corôa de França, tres formosas vergonteas bastardas, como lembrança da que Luiz XIV chamou a sua grande paixão.

Senhora, é perigoso imitar a Princeza Henriqueta. O amor opera prodigios de belleza nas meninas de dezoito annos..."

Nada mais. Anonyma a carta, e cheia de tal sarcasmo que feriu o coração de Josephina.

Oh! O que queria dizer aquillo?

Quasi sem o perceber, dirigiu-se para o quarto da enteada.

Mas, ao chegar ao aposento, um murmurio de vozes a deteve.

E assim, muda de espanto, afogada de dor, de raiva e de ciumes, ouviu a voz satisfeita de Margot que dizia palavras incoherentes, pulando e rindo como uma creança.

— Mas Margot... estás louca? — perguntava-lhe o pae, sorrindo.

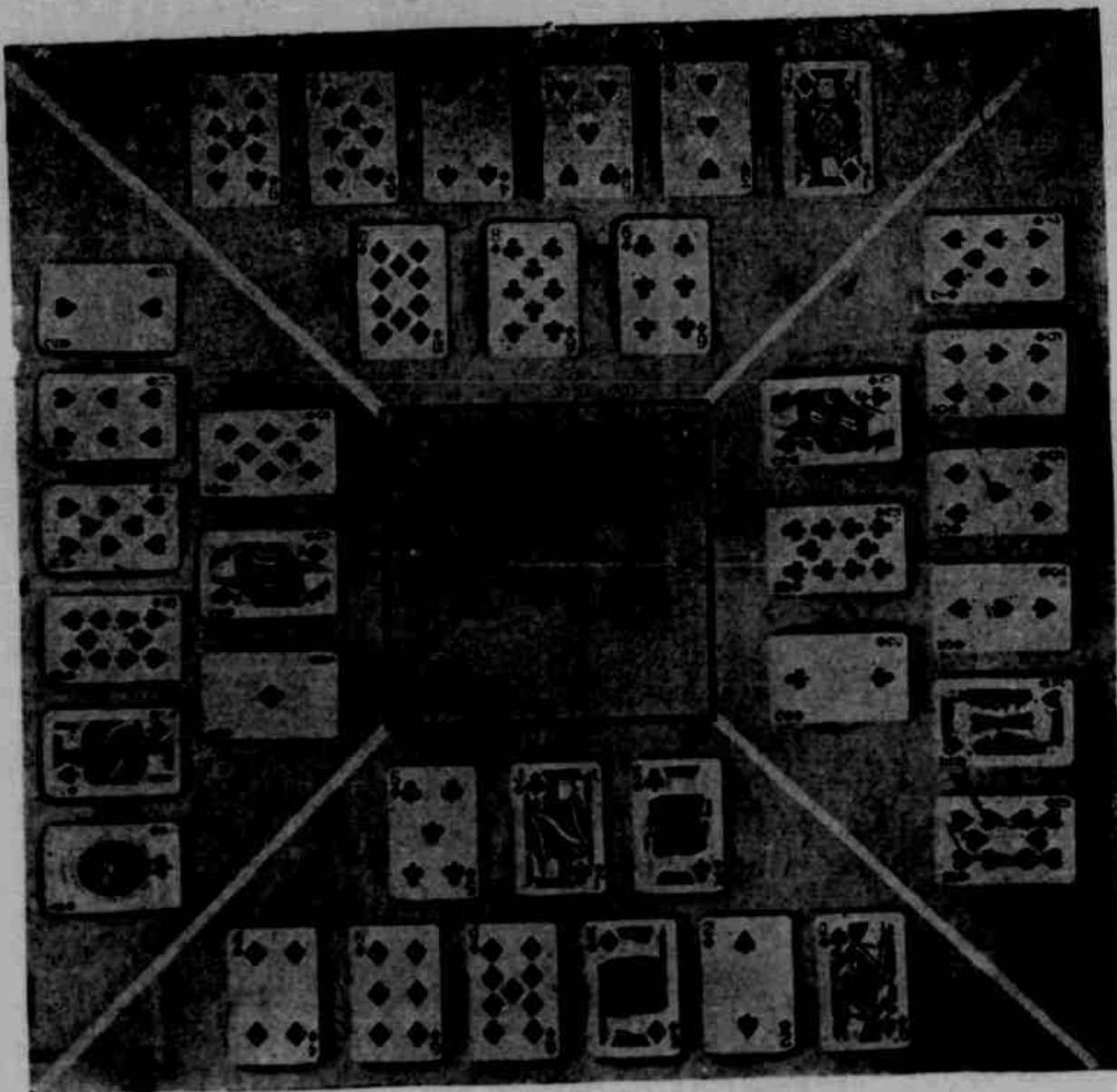
E ella, abraçando-o, disse-lhe:

— Sim... louca de alegria. João Manuel escreveu-me dizendo que, por fim, virá agora com os paes, para te pedir a minha mão...

TRADUCÇÃO DE ANELÊH

PROBLEMA N.º 5

Solução do Problema N. 4

1. A Dama de copas, Y Rei de copas, B Az de copas, Z 4 de copas.
2. B 6 de copas, Z 7 de copas, A 10 de copas, Y 2 de copas.
3. A 4 de paus, Y 7 de paus, B Rei de paus, Z 2 de paus.
4. B Valete de copas, Z 8 de copas, A 6 de espadas, Y 3 de copas.
5. B 6 de ouros, Z Dama de ouros, A Az de ouros, Y 5 de copas.
6. A Valete de ouros, Y 9 de copas, B 3 de espadas, Z 3 de paus.
7. A 5 de ouros, Y 7 de espadas, B 4 de espadas, Z 8 de paus.
8. A 4 de ouros, Y 9 de paus, B 10 de espadas, Z Valete de paus ou Rei de espadas. Se Z jogar Valete de paus, B fará o Az e o 10. Se jogar Rei de espadas, então A fará a Dama de espadas e o Az de paus.

Trunfo é ESPADAS

B joga e, A e B farão, contra qualquer defesa, todas as vasas.

Solução no proximo numero.

Marcação do "CONTRACT BRIDGE" (Vulneravel)

Game — 100 pontos

Pontos por Vasa, etc.	Singelo N.	Singelo V.	Dobrado N.	Dobrado V.	Redobrado N.	Redobrado V.
Sem trunfo	35	35	70	70	140	140
Espadas ou Copas	30	30	60	60	120	120
Ouros ou Paus	20	20	40	40	80	80
Cumprindo	0	0	50	100	100	200
Vasas a mais, cada	50	50	100	200	200	400
Vasas perdidas — 1	50	100	100	200	200	400
" " — 2	100	300	200	600	400	1.200
" " — 3	150	500	400	1.000	800	2.000
" " — 4	200	700	600	1.400	1.200	2.800
Acima de 4, por vasa	50	200	400	400	800	800

Honras (Em uma só mão)
4 Azes — 150
4 Honras — 100
5 " — 150

Slams (Sómente quando marcado)
Pequeno N. V. 500
" V. 750
Grande N. V. 1.000
" V. 1.500

Rubber — De 2 games — 700
— " 3 " — 500

Renuncia: (Pelo mesmo jogador) — 1ª = 2 vasas. Seguintes = 100 pontos.

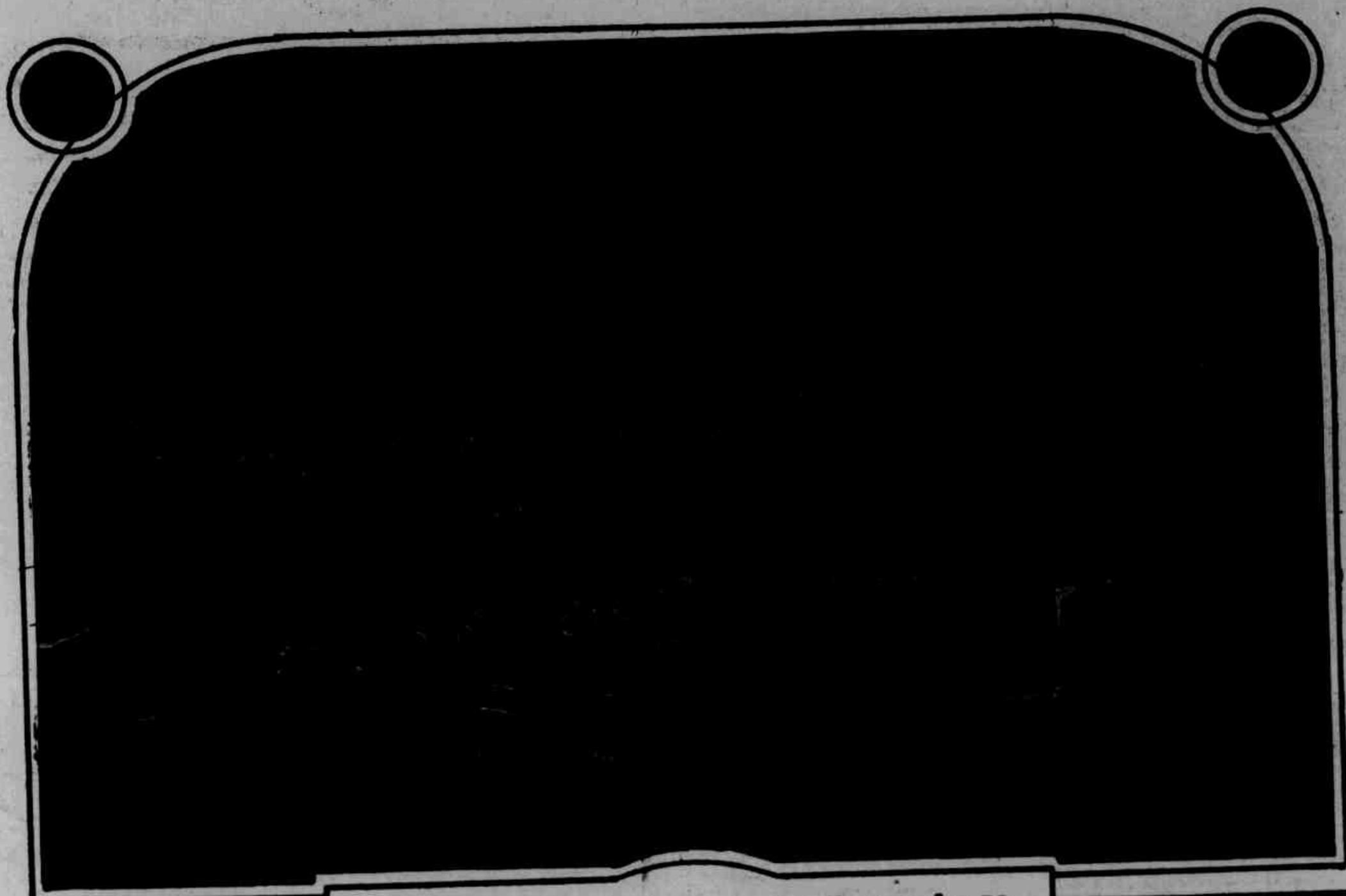
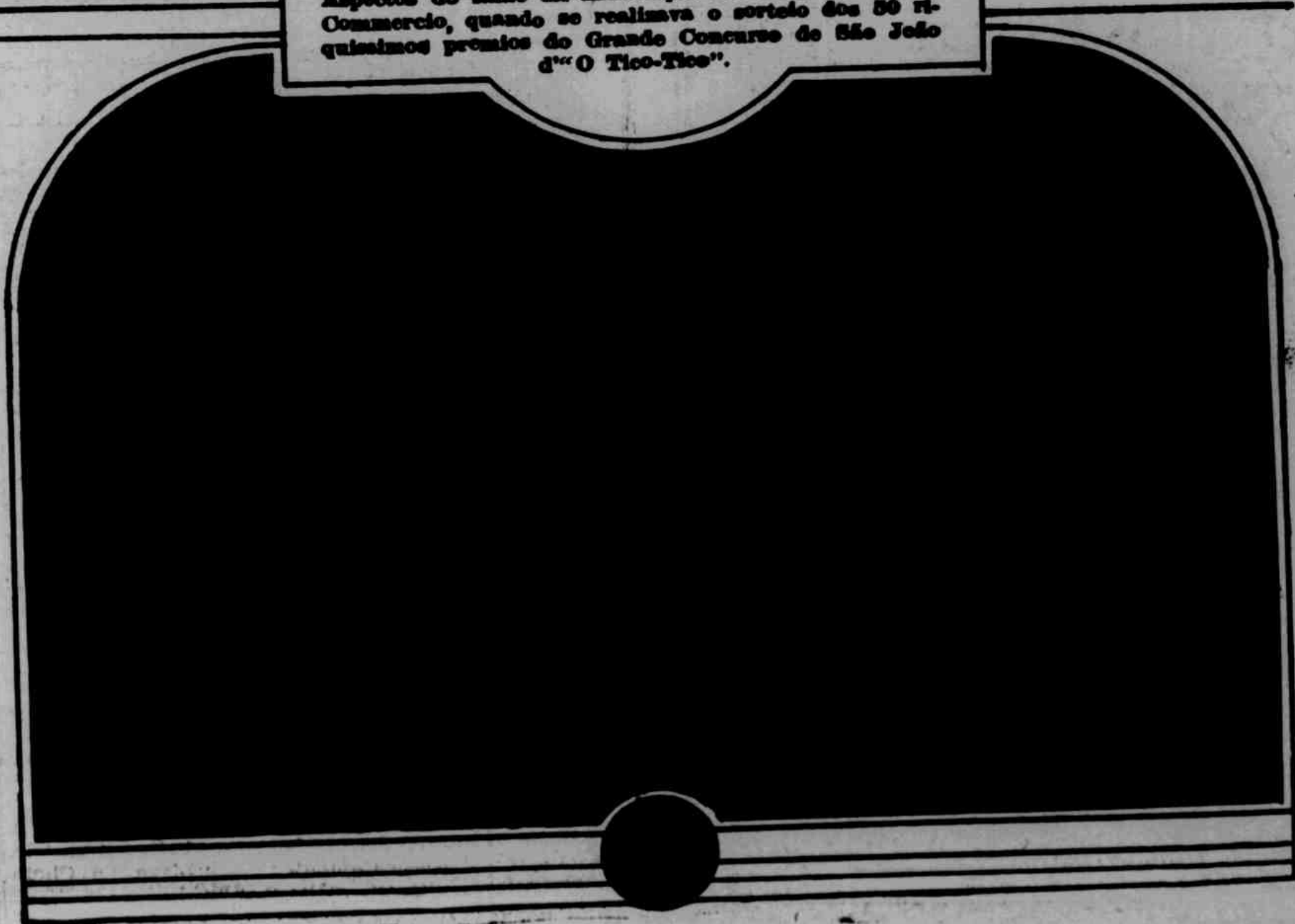
SEGURANÇA

E' o elemento principal quando se trata da guarda de valores. As suas joias e documentos precisam estar perfeitamente seguros e protegidos. Guarde-os na

CASA FORTE DA

SUL AMERICA

Cia. Nacional de Seguros de Vida
OUVIDOR, ESQ. DA QUITANDA.

O SORTEIO DOS PREMIOS DO GRANDE CONCURSO DE SÃO JOÃO D'"O TICO-TICO"

Aspectos do salão da Associação dos Empregados no Commercio, quando se realizava o sorteio dos 50 riquissimos premios do Grande Concurso de São João d'"O Tico-Tico".

Musica

"PARA TODOS..." EM SANT'ANNA DO LIVRAMENTO — R. G. DO SUL

Octavio Martins Ferreira
filho do Dr. Adalgiso Ferreira de Sousa

"PARA TODOS..." EM SANT'ANNA DO LIVRAMENTO — R. G. DO SUL

Mario Martins Ferreira
filho do Dr. Adalgiso Ferreira de Sousa

■ ■ ■

O movimento musical destes ultimos tempos tem sido tão intenso, que, para registral-o não ha recurso senão assignalar rapidamente o apparecimento dos artistas que têm disputado o applauso do publico, nos nossos theatros e no Instituto.

O chronista musical de uma revista de semana, mais do que os seus collegas da imprensa diaria luta com deficiencia de espaço. E' o que se dá frequentemente com esta secção, muitas vezes sacrificada por excesso de materia. Em todo caso, para compensar essa falta, iniciei, ha tres mezes, na "Illustração Brasileira", a publicação detalhada de todo o movimento musical do Rio de Janeiro, publicação essa, para a qual chamo a attenção de todos os interessados.

Dispondo, então, de espaço á vontade, tenho podido esplanar-me minuciosamente sobre tudo quanto vae constituindo o nosso "Momento Musical", registrando as minhas impressões e as de outros chronistas daqui e do estrangeiro, sobre os artistas que se apresentam. E', sem duvida, uma cousa nova, e que, naturalmente, haveria de interessar ao nosso meio, como interessou.

O apparecimento do "Côro dos Cossacos" foi acolhido com um enthusiasmo surprehendente. E digo surprehendente, não porque não o merecesse o luzido grupo do Sr. Nicolas Costrukoff, mas pelo interesse que soube despertar e manter no espirito publico.

Para que isso succedesse, estava ainda viva na memoria de todos a excellente impressão aqui deixada pelos Côros Ukrainos, aos quaes dava todo o seu enthusiasmo o Maestro Koschetz.

Embora menos numeroso e dispondo unicamente de vozes masculinas, o "Côro dos Cossacos" constituiu uma das bôas impressões da temporada. Uma grande orchestra ou talvez melhor, um grande orgão humano, preciso nas entradas, na afinação, na riqueza da sonoridade. A interpretação do repertorio, todo de canções populares russas, obedientes á vontade do regente. Os solos cantados expressivamente embora por algumas vozes já menos frescas. De um modo geral, emfim, espectaculos deliciosos, aos quaes, a dansa final de "Casatchok" dava qualquer cousa de selvagem e empolgantemente impressionante ao mesmo tempo.

Aos Cossacos succedeu o Dr. Walter Rummel, o pianista extraordinario, que veiu juntar o seu nome ao de outros tantos pianistas que têm feito vibrar a platéa carioca.

Ouvindo-o executar os seus programmas, organizados sempre com uma notavel preoccupação artistica, sente-se pelo pianista e pela sua arte um enthusiasmo dos mais justos.

Poder-se-á discordar aqui e ali, das interpretações por elle dadas a velhas peças que os nossos ouvidos estão habituadissimos a ouvir, tocadas differentemente. Todavia, em se tratando de um interprete do renome de Rummel, devemos reconhecer-lhe o direito de sentir diversamente de nós, tanto mais quanto, para isso, possue elle os indispensaveis requisitos technicos e artisticos dos maiores "virtuosi".

■ ■ ■

Walter Rummel, além de pianista, é um compositor notavel, tendo conquistado a platéa, logo de entrada, com as admiraveis transcripções que fez de diversas peças de Bach.

A sua passagem por esta Capital foi rapida, mas deixou impressão indelevel.

Quando estas linhas forem lidas já deve ter recebido a Medalha de Ouro, com a qual rematou brilhantemente o seu curso de violino, no Instituto de Musica, a minha gentilissima collega, Magdala da Gama Oliveira, actualmente a chronista musical do "Diario Carioca".

O nome de Magdala começou a impor-se no nosso meio, por occasião do Centenario de Beethoven, por ter ella, em um dos exercicios praticos do Instituto, feito uma interessantissima palestra sobre o Mestre das nove Symphonias.

Dahi para cá, conquistando admirações e applausos, sempre se vem destacando, com um brilho excepcional, de modo que não foi sem uma grande alegria que, aquelles que lhe querem bem, a viram receber, com a sua Medalha de Ouro, o premio que merecia, pelo seu bello talento de artista.

T. G.

As tintas para cabellos e alguns conselhos por A. DORET

Raras são as tintas para cabellos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inoffensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabello a côr de vinho tinto, bastante desagradavel aos olhos; esta é preta demais, resecca o cabello, alisa o que é ondeado, faz mais velha a pessôa que a emprega, dá á physionomia um ar severo e triste ao mesmo tempo.

Trinta annos de experiencia de estudos, de applicação deram-me uma certa autoriadede para falar nisso.

Nenhuma casa de cabelleireiro, em qualquer paiz que fosse, quer na Europa ou na America, attingiu o grão de perfeição ao da casa Doret; tenho no meu estabelecimento clientes de toda as nacionalidades que attestariam a superioridade de meus methodos de tingir os cabellos, garantindo a innocuidade absoluta de meus productos. A's pessôas que não possam vir ao meu estabelecimento. ás pessôas longe do Rio de Janeiro, recommendo nunca tingirem os cabellos de preto; é melhor acastanhal-os que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais facil será, mais hygienico.

Recommendo a todos o fluido Doret para acastanhar ou alourar o cabello, este producto é dez vezes menos forte que a agua oxigenada, não queima os cabellos e é um excellente desinfectante.

Para recoloração do cabello branco empregae o meu Henné, pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de applicação, para o bronzeado 1/2 hora, para acajou escuro, uma hora e meia.

As pessôas que querem escurecer os cabellos para castanho escuro devem empregar o Tonico Déesse n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos é uma garantia de bom exito.

A Casa A. Doret recommenda suas manicures, seus productos imcomparaveis para a belleza da pelle e cabellos, seus modelos de penteados, estudado para cada pessôa, os cabelleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas. Ondulação permanente, Marcel, Misemplis, Soins de Beauté.

A. DORET cabelleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telephone 2-2431 — Rio de Janeiro

SABONETE
Succo de Limão
Ninguem desconhece as qualidades antisepticas e hygienicas do limão.

CONQUISTADOR!

Do general ao gaucho
E do abbade ao sacristão.
Do homem pobre ao de luxo,
Do vigarista ao ladrão.

ESMALTE LIQUIDO PARA UNHAS
"Oriental"
O DE MAIS LINDO EFFEITO

Da dama chic a operaria,
E do velhote ao gury,
Segue a fama extraordinaria
Do sabonete DORLY.

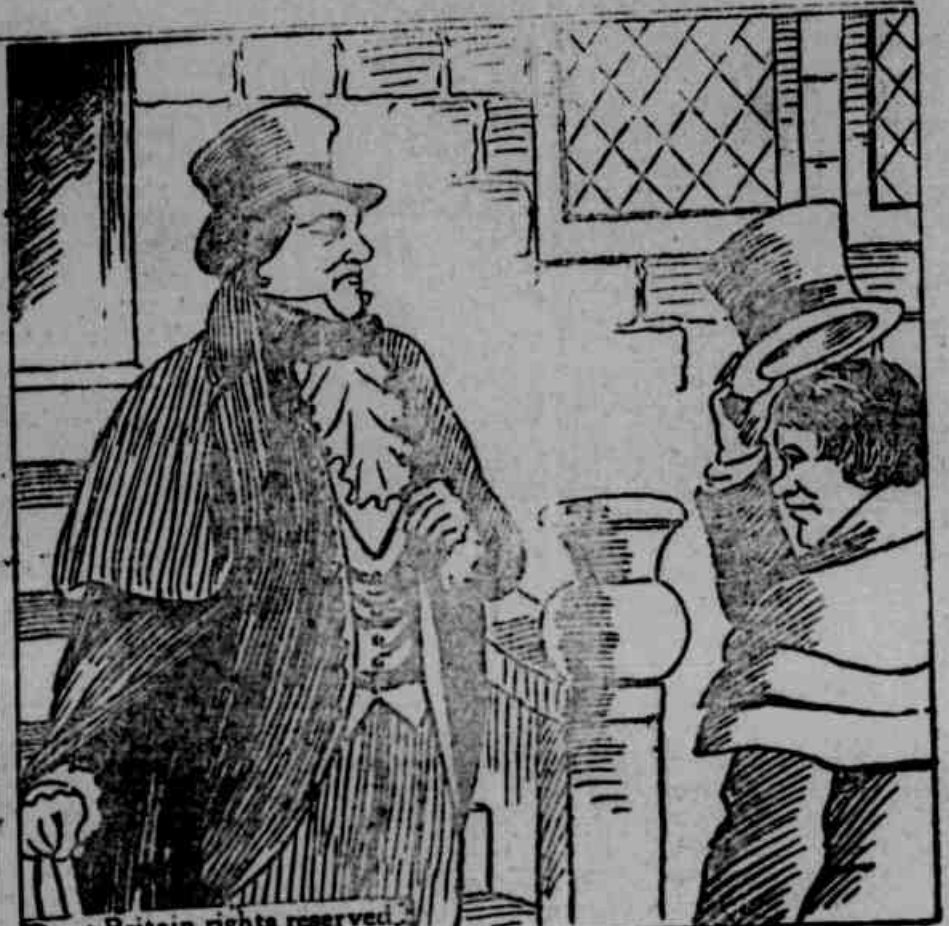
SABÃO PARA BARBA
Beija-Flor, Creme, cylindrico ou em pó.
NÃO HA MELHOR PARA BARBEAR

Ha varios gostos na vida:
Ha quem faça *bungalows*
Ha quem chispe na corrida
dos seus *quatre-vingts chéveux*

Mas para um bom tête-a-tête
Todo elegante e *rempli*
Só usando na toilette
O sabonete DORLY.

LEITE DE BELLEZA
"Oriental"
Infallivel contra Manchas, Sardas e Espinhas

HISTORIA DA MUSICA
PELA SENHORA SCHUMANN HEINK

As excentricidades de Beethoven

BEETHOVEN detestava distincções de classe. Passeando com o poeta Goethe, um dia ambos toparam com a familia imperial. Goethe afastou-se para o lado, curvou-se e tirou o chapéo. Beethoven seguiu o seu caminho atravez da familia imperial com os braços na cintura e com os olhos fixos na sua frente.

BEETHOVEN era uma alma excentrica e inquieta. Nunca morou muito tempo em uma mesma casa. Um dia mudou de residencia por que ouviu em um outro aposento alguem tocar um dos seus themas. Outra vez, mudou de casa por que o senhorio o cumprimentava com toda a deferencia quando o encontrava nas escadas.

QUANDO Napoleão se encontrava na culminancia da sua carreira militar, elle foi idolatrado como um verdadeiro chefe popu'ar por Beethoven e a "Symphonia Heroica" lhe foi dedicada. Mas quando o general corso se fez imperador, o seu nome foi cortado dessa symphonia.

O compositor Franz Schuber costumava jantar no mesmo restaurante em que jantava Beethoven. Era um homem timido e cheio de sensibilidade e, como ainda não se tivesse tornado conhecido, tinha medo de falar com o celebre musico, que admirava de longe.

Continúa no proximo numero

Minha Miss...

NÃO sabe que é *Miss*. Tem, no emtanto, tudo que é preciso para isto: uns cabellos de seda loira emoldurando o rosado luminoso de um rostinho de Saxe, dois grandes olhos acastanhados que se tornam por vezes singularmente sonhadores, um projecto de bocca, um nariz...

Nada de classico, evidentemente, neste nariz. Deixou muito de lado a linha aquilina. Mas, em compensação, que fantasia, que peraltice, que ingenuidade!...

Um narizinho airoso, vivo, moderno; um pequeno nariz para o qual são novos os cheiros todos da terra.

Apesar de ser *Miss*, não lembra em verdade a Venus de Milo. Falta-lhe justamente o nariz, o busto, o tamanho e uma porção de outros predicados indispensaveis.

E' *Miss*, entretanto, cousa que a grande Venus nunca poude ser.

Miss na accepção mais limpida, mais completa, mais virginal da palavra.

E' tudo quanto póde haver de mais *miss*: só tem quatro annos.

Para contal-os hesita ainda, estica uns dedinhos calculadores, perde-se em cogitações inconscientemente mathematicas.

E erra sempre.

Mostra tres dedos em vez dos quatro exigidos pela certidão de baptismo.

Diminuindo a idade?...

Oh! *Miss*, é realmente ainda muito cedo...

Por mais cedo que seja, tem já consciencia da sua boniteza. Gosta de si.

Deante da tranquilla vaidade desta convicção, tentaram inculcar-lhe um dia alguns salutares principios de modestia.

Toda gente sabe que ser bôa menina vale muito mais do que ser bonita.

Chega a ser-lhe mesmo muito mais bonito.

Ella ouviu attenta esses edificantes ensinamentos moraes.

E, com o mais experiente dos sorrisos, sacudindo a cabecinha teimosamente incredula:

— "Bonitinha primeiro; bôa menina depois..."

São modos de ver. Modos de *miss*. Intuição talvez, quem sabe?...

A verdade é que, quando volta para meu lado a confiante interrogação dos seus olhos sem sombra, indagando numa incerteza cheia de astucia:

— "Então eu não sou linda, não?..."

Abano a cabeça numa negativa do protocollo educacional, mas todo meu coração concorda num embevecimento extasiado: linda, linda, linda... Tenho excusas para o encantado exaggero desta opinião. E' a minha *Miss*... Não lhe medi as proporções, nem a comparei a um modelo siquer. Porque muito lá no fundo sou, como todas as mães, capaz de achal-a absolutamente incomparavel. Não foi necessario um concurso para assim, tão categoricamente elegel-a a *miss* das *misses*. Bastou que sorrisse...

Menos do que isto, que existisse. Meus olhos vivem inebriados della... Não tem artificios. Não saberia tel-os.

Chama-se corado o rouge que lhe pinta as faces e innocencia o candido abandono de sua graça... Não sabe que é *miss*. Nunca foi ao cinema. Diz ás vezes muito séria — "Eu penso.." Mas da vida nada sabe, nem mesmo que vive.

E todas as aspirações de sua alma pequenina se reunem no voto quotidiano deste grande anhelo: — "Quando eu *sê gande* e alcançar a janella sem cadeira..."

Imagens da

...zir os conventos. As boas irmãs e as pequenas pensionistas applicaram-se na execução de perfeitos brincos, medalhões envernizados e complicados como a marchetaria, exemplo as correntes de relogio que as familias distantes recebiam com lagrimas nos olhos.

O cabello revelou-se uma substancia idealmente romantica. Esse symbolo de todas as fidelidades, do dom de si mesmo, da separação desolada, prestava-se maravilhosamente, pela sua propria natureza, a todas as interpretações plasticas, tão queridas no tempo do romantismo. Sob o vidro concavo dos quadros ovaes desabrochavam fachos de cabello loiro, tão cedo ceifado e erguiam-se lugubres cyprestes junto de mausoléos. Cachos atados com fitas ostentavam-se em curvas flexiveis e em pesados rolos, num estylo directamente inspirado no desenho á penna. E nos medalhões, os ornamentos romanescos, florões, entrelaçados, festões, grinaldas, misturaram-se harmoniosamente aos emblemas e ás allegorias.

Quando, em 1845, um artista habil se lembrou de commercializar a moda sensivel, não procurou afastar-se da expressão romantica; e mesmo em 1880, que foi a grande época da vulgarisação do quadro de cabello, os modelos que Charleux propunha á sua clientela comprehendiam sempre esta serie de attributos: pennachos eriçados, rolos flexiveis, letras simples e monogrammas gothicos que combinavam muito bem com a arte capillar...

O NO' no lenço, a flôr secca, o verso mnemotechnico e a photographia descolorida são irmãos e irmãs. Garantem a fraqueza da nossa memoria. O homem só vive para enthesourar recordações e teme o esquecimento tanto quanto a Morte. Os sentimentos mais puros não desdenham dos auxiliares da memoria...

Que me perdoem os amorosos romanticos!

Em *Bruges la Morte*, Hugues Viane conserva num cofre de crystal como um "pouco da immortalidade do seu amor", a cabelleira côr de ambar e de "meio-dia-flammante" da sua esposa morta. E teve o cuidado de fazer com ella uma trança, da qual se servirá, um dia, para estrangular uma amante sacrilega. Mais requintado, penso, foi o duque de A... que mandou fazer uma gravata com os cabellos de uma companheira adorada. Casanova, sempre elegante, contentava-se em transformar em pulseiras as mechas de cabellos, restos de rapidas aventuras, sem que por isso, entretanto, se achasse obrigado á minima servidão. As diversas utilizações das reliquias amorosas, tão apaixonadas, praticas, ou elegantes, não são menos elementares. Mais uma vez, devia caber ao gosto popular introduzir essa nota de esthetica sentimental que sempre nos commove.

Em 1815, prisioneiros inglezes occupavam as horas vagas confeccionando tranças de cabello ou de crina que vendiam para serem utilisadas em anneis, collares e pulseiras. Esse genero de trabalho de paciencia tinha que sedu-

Entretanto, com o tempo, os processos aperfeiçoaram-se e permittiram as mais variadas combinações.

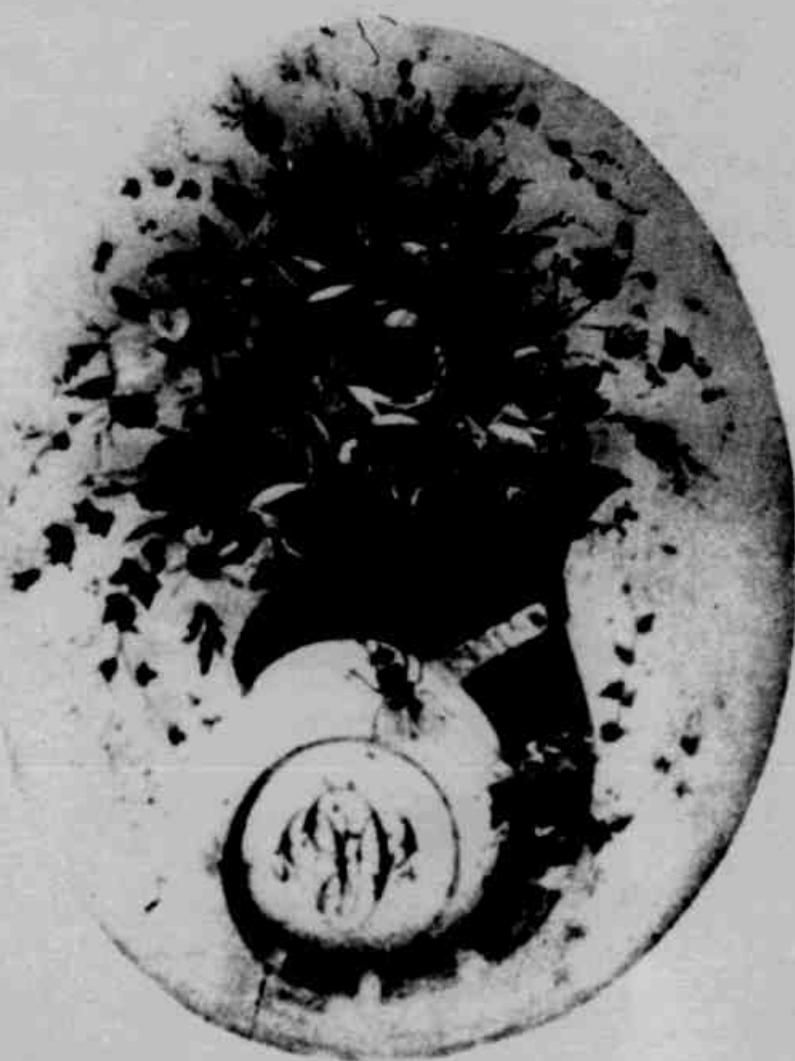
Saudade

Por LOUIS CHERONNET

Não somente continuaram a trançar o cabello para formar anneis, pulseiras serpentes, broches com nó, e botões de punho, a dispol-o sobre almofadas de algodão que os modelava, mas, empregaram-no como fio para tecer renda (sei de um leque inteiramente em ponto de Alençon), ou compunham uma especie de tecido diaphano que recortavam para fazer myosotis, amores perfeitos, rosas, corôas de hera, cruzes, corações, ancoras, ou, emfim, reduziam-no a uma poeira fina que servia para fingir a terra e as nuvens nas paysagens. Sabiamente empregada, permittia reproduzir, com exactidão, a photographia em pé da rainha Victoria ou de algum honrado industrial...

DOCUMENTOS DA COLLECÇÃO JEANDOUNENC

E o quadro de cabello aburguezou-se. Appareceu, muito, naturalmente, com o seu ar de romance choroso nos appartamentos meticulosos e lustrados, com cheiro de asseio restricto, dos pequenos senhorios e cubiculos das porteiras. Elle dominava, triste vestigio de uma velha primavera, imagem de saudades enlutadas. E aos floreados "imitação de penna" e aos enfeites de toda ordem incorporaram p h o t o graphias "minusculas" de senhoras gordas e de homens calvos, mas barbados.

E assim, foi aborrecido mesmo pelas mais sentimentaes e mais simples almas que o amavam. Reprovaram-lhe evocar demasiadamente o cemiterio onde, aliás, ás vezes elle se avizinhava das flores de porcelana e das corôas de perolas. E pediram aos artistas - desenhistas - em - cabello para imaginarem assumptos menos funebres, desenharem p a y s agens alegres, comporem e m verdadeiros quadros *artisticos*. Então s o b r e fundos azues, desnaturados, descolorados, pintados, transformados, irreconheciveis os cabellos dispuzeram-se a representar riachos com salgueiros, moinhos, aldeias na montanha, tudo em relevo e com a maior quantidade possivel de accessorios. E as cabelleiras vivas nas quaes o poeta descobria um hemispherio, as tranças onde elle via uma vaga propria para arrastal-o, *os cabellos negros, pavilhão de trevas estirado* apenas formavam escrupulosos scenarios de opera-comica onde nada faltava: a igreja, a ponte, as barreiras, o pescador importunando o cadoz com um anzol preso na ponta de um fio de cabello. O quadro em cabello que só poderia ter uma significação melancolica e ser o testemunho de um passado, tornou-se um trabalho vantajoso, um exercicio de habilidade profissional, uma curiosidade executada com material anonymo: não tinha mais alma, estava morto.

A hecatombe das cabelleiras não lhe resuscitou a voga, pois uma lei economica determina que toda a mercadoria em abundancia se desvalorisa... E hoje, dormem cobertos de poeira, no fundo das gavetas os fructos de ebano, as folhagens côr de ouro e de palha; as mãos, uma morena e a outra clara, unidas por occasião do casamento dos bisavós; as divisas: *Que tu me ames como eu te amo*, as inscripções: *Lembrança de uma terna mãe*; os nomes e os millesimos calligraphados, as jardineiras floridas campestremente, os calvarios de lamentos, as palmas enlaçadas, as urnas cheias de lagrimas e as estelas partidas e cobertas com um véo...

NOTICIAS

A LEITURA da Biblia é principalmente recommendavel no inverno. Por varios motivos. Porque as noites frias nascem antes e morrem depois das noites quentes. Porque o rei Salomão é um grande brasileiro. Porque a historia do Diluvio enxuga todas as chuvas. Mas, acima de tudo, porque a Terra Promettida põe nas desillusões do dia o exemplo de como é inutil desejar. Ninguem entra na Terra Promettida. Moysés é apenas um ancestral. Chanaan continúa intacta. E si nós não fossemos tão teimosos, já teriamos, tratado de outra vida...

UM ABSURDO

Deus um dia enjoou o mundo. Resolveu afogal-o. Chamou Noé, homem muito conhecido pela sua pratica de andar na agua, disse para elle construir uma arca e metter-se dentro della com a mulher, os filhos, as filhas, as nóras, os genros, e um par de cada especie de todos os outros animaes. Noé fez conforme tinha sido ordenado. Concluiu a arca, avisou os hospedes. O céo escurecia cada vez mais. Os casaes iam subindo para o immenso refugio onde ficariam livres da morte certa. Entraram cobras, formigas, cachorros, um bóde com uma cabra, um gallo com uma gallinha, pardaes, traças, baratas. Ainda vinha muita gente e a chuva desabou.

Aconteceu na prancha o que sempre acontece nessas occasiões: neurasthenias, atropelos, socos, trancos, cabeçadas, nomes feios. O macaco estava impossivel. A gata punha as mãos nas orelhas. O boi resmungava: — Falta de educação! — Uma balbudia desvairada. Na frente do par de elephantes seguia o par de pulgas. Quando o aperto cresceu mais de repente, a pulga virou-se furiosa e gritou para o elephante: — Não empurra, hein! — Afinal, nenhum dos eleitos deixou de sêr reconhecido. Quarenta dias depois, a enchente começou a acabar. A pomba sahiu por uma fresta e trouxe uma hervinha que nascêra na terra lavada. Os animaes voltaram ás suas actividades. Até hoje não se sabe por que foi aquelle disperdicio de agua. O mundo continuou como era...

PONTOS DE VISTA

Repete-se exaggeradamente que a vida é monótona. Ponto de vista. Tal qual aquelle que na oração chama á vida "um valle de lagrimas." Parente de outro que não pertence a nenhuma reza: "a vida é um jardim de delicias". D. Pedro II. que tambem fazia sonetos, começou um assim: — "Andar e sempre andar é a vida a bordo". — A gente não sabe nada. Póde acontecer que isto que parece a terra seja ainda a arca de Noé. Póde acontecer que o velho imperador dentro de um verso ingenuo dissésse uma verdade esperta. O Judeu Errante é quem podia informar. Mas onde encontrar o Judeu Errante a estas horas?...

JESUS

Nasces de novo sempre, meu amigo, vives de novo trinta e tres annos de 25 de Dezembro até a sexta-feira da Paixão. Que paciencia, Jesus! e que desdem enorme! Elles não te entenderam e tu voltas para junto delles. Chamam-te de Senhor. Começaram por odiar a tua raça, terminaram por fazer de ti o professor que distribue os premios no encerramento das aulas. Bons alumnos são os que andaram no mundo ao contrario de tudo que tu disseste, de tudo que tu fizéste. Foste a bondade e a doçura. Comprehendias e perdoavas. Continuaste assim. E' por isso que desces á terra menino outra vez. Que te importam os grandes! Vens para os pequeninos que acreditam em ti de coração. E' para elles que tu vens e trazes a alegria. Senhor! Mas senhor dos que têm crianças em casa, dos que amam e são amados. Jesus, o teu grande milagre não é subir ao céo no dia da Resurreição. O teu grande milagre, Jesus, é descer á terra no dia de Natal...

ETERNIDADE

Um espirito unico vive nas creaturas. Não separa passado, presente, futuro. Para elle nada foi, nada ha de ser: tudo é. Espirito que acalenta os nossos silencios. Graça de uma herança remota. Bem de um segredo perdido. Sumiu-se na algazarra universal. E eis ahi por que catalogamos os habitantes do planeta em épocas, gerações. Si fosse possivel esclarecer-nos, que espanto! Só os figurinos mudam. Os figurinos e outras fantasias por fóra. Por dentro a gente continúa tal qual começou. Mas isto com certeza não é verdade...

ALVARO MOREYRA

Concerto em beneficio da "Federação Geral dos Invalidos de Guerra Russos em Paris"

Ao lado: Senhora Cecilia Marques Couto com a Senhora Xenia Prochorova e a Senhorita Renée de Saussine

Em cima: a poetisa Cecilia Meirelles. Em baixo: os dansarinos Vera Grabinska e Pierre Michaïlowsky, e as senhoritas Bomilcar e Breedweldt.

No Instituto de Musica

O Professor Lorenzo Fernandez e suas discipulas

Distribuição de diplomas ás alumnas que concluiram o curso.

Ao centro, o Sr. Ministro da Justiça, o Director da Universidade do Rio de Janeiro e o Director do Instituto que presidiram a entrega dos diplomas. Em baixo: o salão do I. N. M. durante a cerimonia

Alumnas da Escola de Musica Figueiredo no terraço do "Jornal do Commercio".

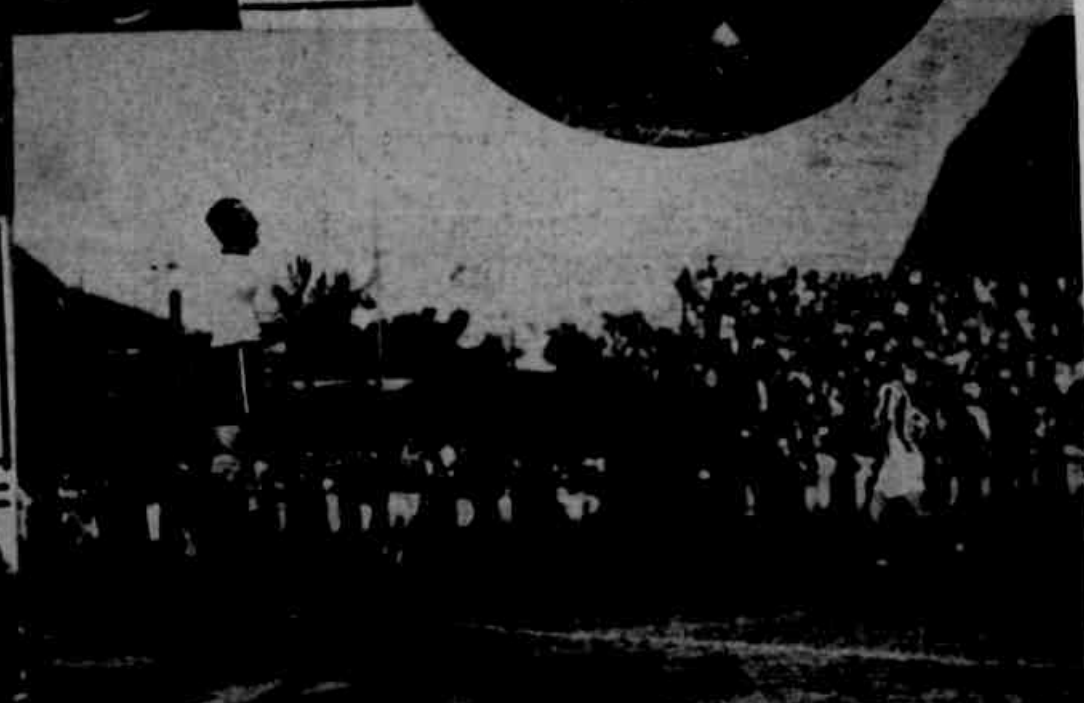
Em baixo: Senhorita Magdala da Gama Oliveira, medalha de ouro em violino, do Instituto Nacional de Musica.

No centro: Guiomar Novaes Pinto que realizou, domingo, um recital applaudidissimo no Theatro Municipal.

Em baixo: Souza Lima, pianista que nasceu no Brasil e é hoje um dos grandes pianistas modernos.

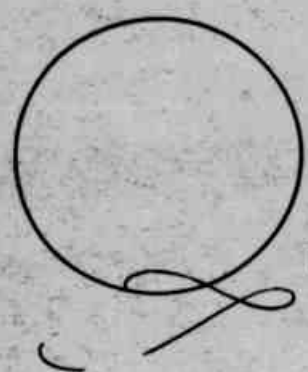
Souza Lima, de passagem pelo Rio, accedeu ao pedido dos seus amigos Cariocas e vae dar amanhã á tarde, um recital, que será o maior acontecimento da temporada musical de 1930

F o o t b a l l

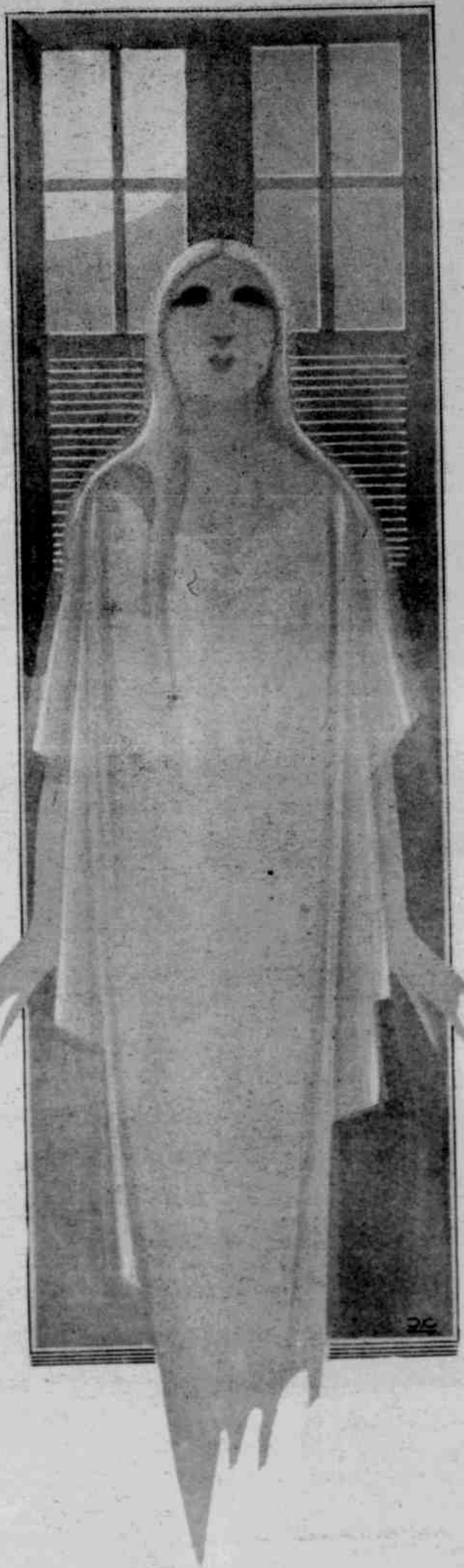
Campeonato Carioca

Jogo do Fluminense com o Botafogo

Os quadros e instantaneos da partida

LUAR

CONTO DE IRACEMA GUIMARÃES VILLELA

QUAL a impressão mais forte da minha vida de sessenta invernos? E' isso que você quer saber? — perguntou o advogado Limeira ao amigo com quem trocava reminiscencias do passado — e o seu olhar pacato, percorria a physionomia curiosa do outro, sentado ao lado.

A atmosphera tepida aconchegava estofos e o velludo pesado das cortinas, e no meio do tecto, o brando quebra-luz de gaze desmaiada com silhuetas pretas a pularem desenfreadamente, amortecia a incandescencia da electricidade, suavisando-lhe a força e colorindo-a de uma tonalidade delicada. Num vaso dinamarquez, collocado numa pequena mesa com embutidos de madeiras diversas, algumas rosas brancas pendiam languidamente as cabeças somnolentas e perfumadas. Limeira passou o lenço pel· testa e devagar, para as palavras lhe sahirem destacadas:

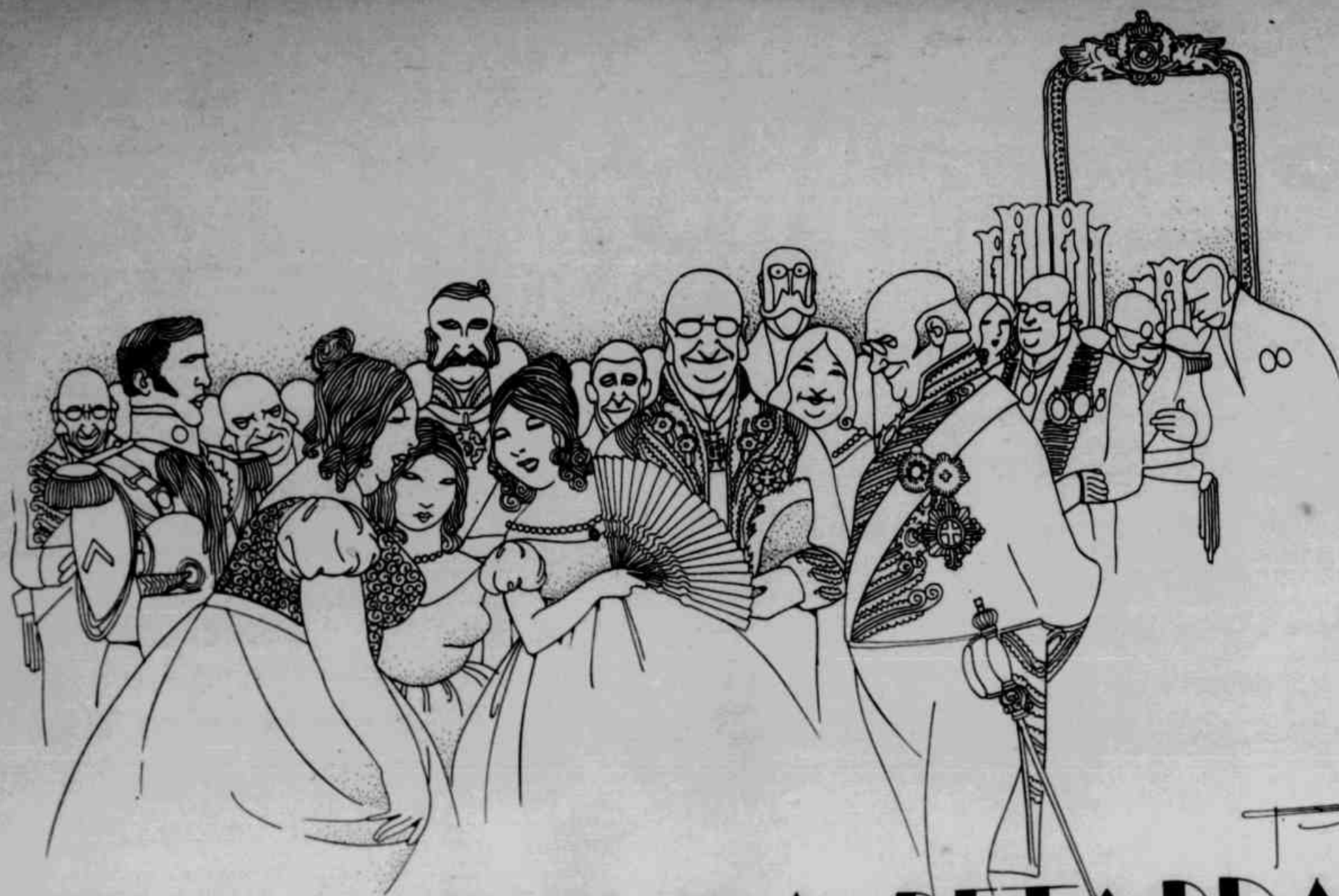
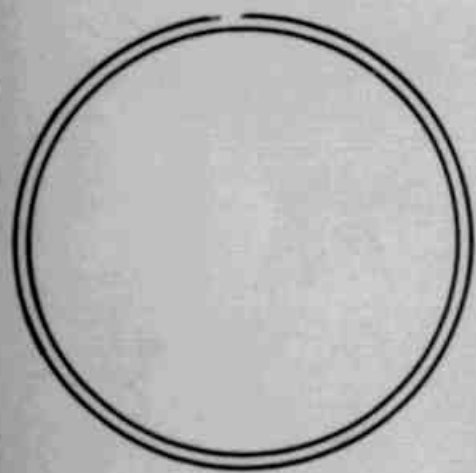
— Eu tinha vinte annos quando recebi um convite de uma amiga de mamãe para passar um mez na sua chacara de Petropolis. Acceitei com alvoroço, visto ir encontrar um grupo alegre, composto do filho da dona da casa, Linneu, meu collega de escola, e as tres filhas, mocinhas de quinze a dezoito annos, que por sua vez estavam acompanhadas por duas primas, muito interessantes, e que eu conhecia de vista. Arrumei na mala com enthusiasmo os meus ternos mais novos, camisas de seda e algumas gravatas chics que mamãe comprara para esse fim.

— Cuidado! — recommendava-me ella, risonha — quero que sejas o mais elegante. Nunca te desleixes; em casa estranha, devemos apresentar-nos com o maximo correctismo, occultando as miserias physicas e moraes."

— Póde você portanto avaliar, meu caro Cintra, as disposições felizes que me animavam, ao chegar a Petropolis, e deparando com o galante bando á espera do trem. Dei e recebi abraços com uma volubilidade pouco afeita ao meu temperamento reservado, mas uma alegria extraordinaria sobresaltava-me; dentro de minha alma soavam toques de clarim, chamando-me a uma vida differente da que eu tivera até então. Se me perguntassem qual era a razão exacta desse presentimento estranho, não o saberia definir, mas eu distinguia com as pupillas interiores uma era nova e portanto esperava com precipitação aquillo que fatalmente chegaria, mas que eu ignorava ainda o que fosse. Essa coisa impalpavel, e bella, eu a bemdiria, porque me arrancara do meu eu onde os ideaes de extrema juventude, se recolhiam receosos de fugirem para longe, entregando-me ás minhas indecisões. Parti pois nessa disposição de espirito. Na vasta sala, com poltronas de couro, lampadas em profusão e mesas cheias de livros, encontrei-me, á nôite, rodeado de toda a familia. A dona da casa, senhora grisalha e amavel, quiz logo pôr-me á vontade, indicando-me as filhas como companheiras de passeios a cavallo, pescas indolentes, dansas da época...

— Minhas sobrinhas Yvonne e Marietta imitam-nas valentemente. Não é mesmo? — perguntou dirigindo-se ás outras mocinhas.

Yvonne, uma gentil pequena de dezesete annos, brejeira e viva apressou-se em responder:

— Ah! naturalmente! Devemos aproveitar o bom tempo da mocidade que não volta mais.

(Termina no fim do numero)

A QUADRILHA RETARDADA

PALACIO de São Christovão regorgitava com a affluencia illustre que se movia por toda parte, exaltando a belleza daquelle dia de gala. A todo momento atravessavam a Quinta novos coches, derramando sobre o pateo as jaquetas azues, os vistosos fardões, os ricos debruns, uniformes, casacas; toda a complicada e retumbante indumentaria masculina do Primeiro Imperio.

Entre reverencias destacadas desfilavam os "balões" das elegantes do tempo, cada qual mais interessante pelo exaggero, e pela vaidade. As filas coloridas illuminavam a passagem com o tom vivo de sêdas e flanellas e iam borborinhar nos salões repletos, onde se cruzavam as insignias e as rendas os "crachás" e os "lorgnons" em preciosas gymnasticas da espinha. E era interessante observar os grupos que se formavam aqui e ali, dividindo o salão em rodinhas de varios matizes. Um chronista elegante que possuisse aquelle invento de Wells e se transportasse ás delicias mundanas da época, anotaria em seu "carnet" de futilidades e de gostos uma serie de observações encantadoras, vendo a um canto, entre "balões" de sêda rosa e "lorgnons" attentos e vivazes, o senhor Conde de Palma, com sua collecção de medalhas furta-cores e seu porte esforçadamente jovial; o Barão de Itanhaen, que servira de alferes-mór na coroação do Imperador, contando á Viscondessa de S. Leopoldo pormenores e scenas da sagração e explicando-lhe coisas a que ella parecia não ligar muita importancia, preoccupda no estudo das linhas do ultimo vestido da senhora Marqueza de Gabriac, que era quasi sempre o alvo, das curiosidades da côrte. E adiante: o Marquez de Queluz, ao lado do pintor Debret, de Freitas Berquó e da intelligente e estudiosa Marqueza de Valença, evocando os seus tempos de governador da Guyana, quando esta provincia fôra arrancada á França; o marquez de Paranaguá, discorrendo sobre politica externa com seu collega Inhambupe; o Visconde de Cayrú, mirrado e secco, apreciando os pares que se movimentavam aguardando a hora da quadrilha; Baependy, com seu habito amavel e suas finas maneiras, resignando-se a ouvir entre o roçar das sêdas os ultimos pensamentos do marquez de Maricá, soprados em hora pouco opportuna a philosophias. E ainda: o Barão de Santo Amaro convencendo a senhora Baroneza de Lages de seguir com elle as marcações de Luiz Lacombe, mestre de dansa da Côrte; o atilado e sabio Inhomerim trocando impressões clinicas com Guimarães Peixoto, cirurgião-mór do Imperio;

CONTO DE OSWALDO ORICO

DESENHOS DE J. CARLOS

a senhora Marqueza de Aguilar, camareira da Imperatriz e sua sombra fiel, fitando raivosa a actividade e solicitude do senhor commendador Francisco Gomes da Silva, — o "Chalaça" — secretario privado de S. M. o Imperador; o senhor Visconde de S. Leopoldo, alto e magro, junto ao senhor conselheiro Teixeira de Aragão, intendente de policia, famoso pela sua impressionante e encaracolada cabelleira branca. Numa rapida vista d'olhos ali estava toda a côrte formada com suas damas em velludo, brocardos, rendas e sedas, com seus diplomatas ajustados em talhes rectos; com seus ministros comprimidos em fardões pomposos; com seus desembargadores cheios de arminho e seus militares cheios de dragonas; e, movendo-se a todo instante, camareiros, damas de honor, veadores, reposteiros; guarda-roupas, estribeiros, a ronda agaloada da Corôa, enchendo o paço com sua vida, com sua pompa e alegria.

Ao fundo do salão, Dom Pedro e D. Leopoldina recebiam os cumprimentos de toda aquella multidão de aristocratas que se cruzavam nos salões do paço.

A Imperatriz parecia viver algumas horas de satisfação ém sua existencia, estonteada pelo deslumbramento do baile, quando ouve uma voz esganiçada e petulante cortar a sala numa advertencia em vez de convite:

— At-ten-tion.

Não era a voz de Luiz Lacombe, mestre de dansa, convocando os pares á primeira quadrilha. Embora já houvesse soado a hora, retardava-se inexplicavelmente o inicio das dansas. Era o grito do "Chalaça" saudando a presença do Visconde de Castro, que chegava em companhia da filha. Agora, sim, a orchestra ia tocar.

Dona Leopoldina via de longe a figura galante e pomposa da Favorita atravessando o salão entre cortezias artificiaes de admiradores astutos. Todo seu amor proprio se revolta num protesto silencioso contra aquella heroina de novela que se não pejava de afrontal-a diante do proprio throno.

Pediu desculpas ao Imperador. Uma indisposição momentanea obrigava-a a recolher-se por algum tempo a seus aposentos. Desviou-se da sala, protegida pelo braço da senhora Dona Francisca de Castello Branco, Marqueza de Itaguahy, que lhe amparava a dolorosa melancolia. E emquanto as duas — Ama e amiga — chegavam á Imperial Camara, dominadas pela tristeza commum que as unia no mesmo desabafo, cá em baixo uma voz sonóra e educada de eximio coreographo, dividindo o salão em duas filas, pedia com elegancia e donaire:

— *Attention*.

Era a quadrilha retardada que ia começar.

A vida sub-marina atravez dos vidros de um aquarium

Peixes das Indias e da China.

Atravez dos vidros do aquarium de Amsterdam: Dois esturjões entre dois sôlhos.

Perca, sôlho albino, esturjão.

A refeição de um congro.

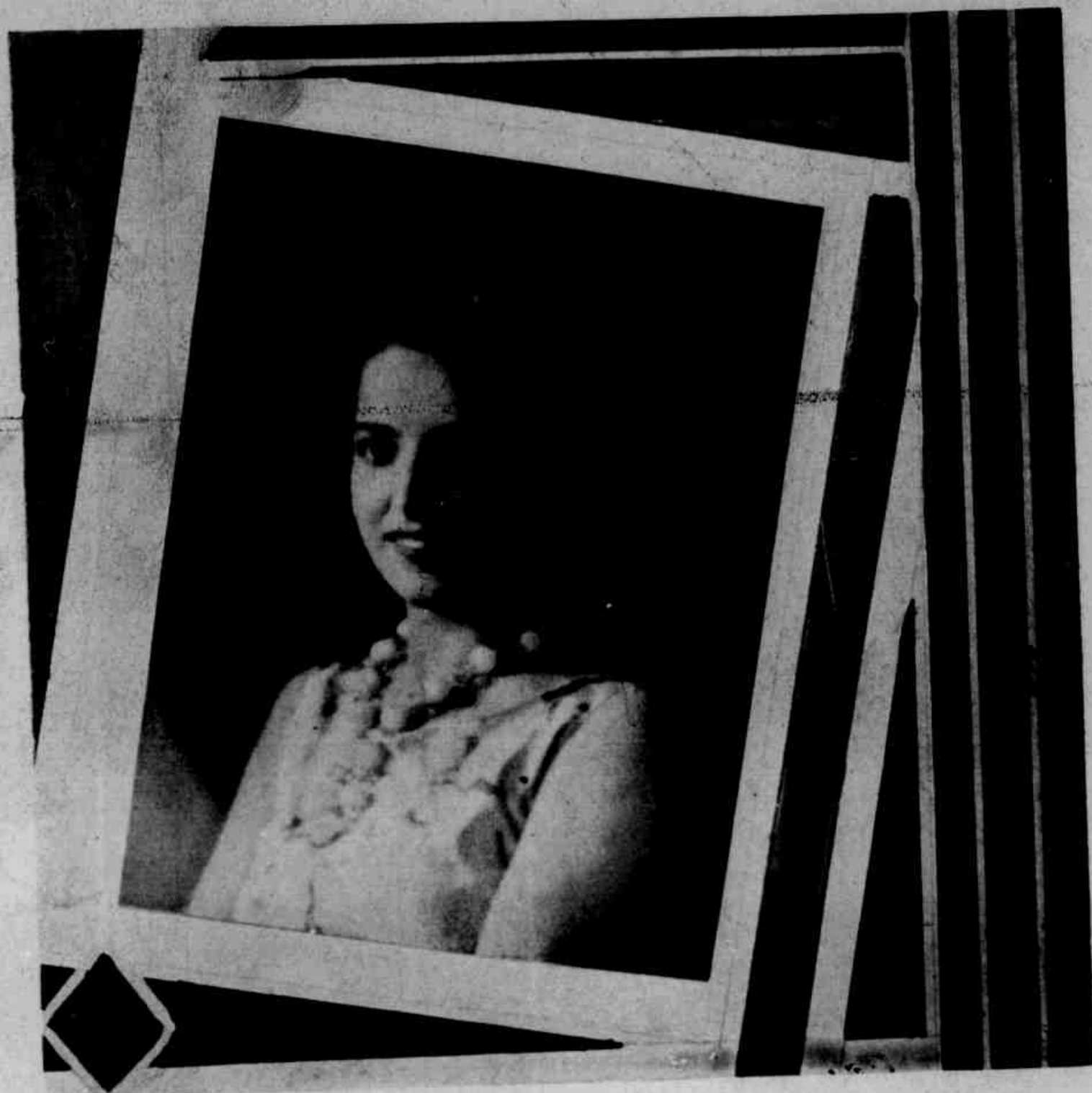
Aranhas do mar e rodovalho.

Aquario de Amsterdam. Tartarugas do mar, chamadas, ás vezes, "tartarugas de sopa"; vivem nos mares sub-tropicaes.

Carpas de ouro da China e do Japão.

Grupo de hippocampos.

ESTAS photographias foram tiradas no aquarium de Amsterdam. A maior parte dos peixes que ellas reproduzem é bem conhecida; o interesse dos instantaneos está, sobretudo, na habilidade com a qual apanharam, em plena vida, vertebrados tão pouco photogenicos, cujos movimentos perturbam as aguas mais calmas.

Entre elles notamos uns "saccobranchus", assim denominados pelo systema branquial que possuem com uma especie de sacco cheio de gaz constituindo um reservatorio pelo qual pódem viver muito tempo fóra da agua. Os hippocampos, lindos cavallos marinhos, de pequenas dimensões, que se encontram no Atlantico e no Mediterraneo, nas margens do Adriatico, em Veneza, assim como na bacia de Arcachon vivem principalmente nos *prados* submarinos de sargaço e alimentam-se com os minusculos crustaceos; os recem-nascidos medem mais ou menos 4 millimetros e partem immediatamente para a caça das pulgas da agua. A grande abundancia dos hippocampos permitte adquiril-os por preços modicos. Não se dá o mesmo com a carpa de ouro da China, ou o "higoi" dos Japonezes, de um vermelho magnifico, capaz de eclipsar os populares cyprinoides. Uma das photographias mostra um congro, no momento em que, com um esforço que é apenas apparente, traga avidamente uma presa que passava e que parece ser um pequeno cão do mar. Em pleno exercicio de natação apparecem, esturjões, sôlhos, percas, mais calmas, as aranhas do mar e as tartarugas equatoriaes com as quaes se preparam sopas cujo paladar póde ser discutido...

Fernanda

Miss Portugal

PRIMEIRO, nas caravellas, veiu a lingua, veiu a raça. Mais tarde, num avião, entre as nuvens e as estrellas, veiu o arrojo que não passa, veiu a alegria da força e a vontade e a decisão. Era muito. Mas não tudo. Tudo que um dia nos trouxe, no seu sereno esplendor, na sua suave belleza, nos seus olhos de olhar doce a mais linda portugueza, — menina e moça que fosse como aquella do romance vestida de realidade. Fernanda do nosso amor. Vaes ser da nossa saudade. Quando chegares á terra, dize aos que lá longe estão o orgulho que tantas vezes grita em nosso coração que é a bocca de quem quer bem: — No Brasil, os Portuguezes são Brasileiros tambem.

Miss Universo entre Miss Portugal e Miss Estados Unidos no Conselho Municipal.

Miss Universo com Miss Libano e Miss Argentina na Prefeitura.

A recepção do Casal Geraldo Rocha ás Misses

No edificio da "A Noite", salão de festas, quando chegou Miss Universo. Em baixo, um aspecto do banquete.

No arranha-céo da "A Noite"

Miss Universo e Miss Estados Unidos

A mesa de Miss Portugal

Viriato Correia, Prado Kelly, Armando Gonzaga, redactores da "A Noite" com o juiz Octavio Kelly.

Leal de Souza, redactor-chefe d'"A Noite"

Miss Portugal, Miss Rumania, Miss Cuba, Miss Argentina

As
Mi
na
"A

Miss Portugal e Miss Rumania

A festa do Casal Geraldo Rocha

Miss Portugal
Miss Universo
Miss Estados Unidos

A mesa de Miss Estados Unidos

As Misses na "A Noite"

Miss Universo entre a Senhora e o Senhor Geraldo Rocha
Ao lado: Miss Universo e Miss França

A mesa dos casaes Geraldo Rocha e Maurice de Wallefe

os

No theatro Para todos

As Misses offerecendo flores á platéa apinhada

Em Butantan

Miss Russia, Miss Rumania, Miss Italia, Miss França, Miss Belgica, Miss Rio de Janeiro, em visita ás cobras.

Chegada das Misses a São Paulo

Em cima: Miss Estados Unidos e em baixo: Miss Bulgaria

Em cima: Miss Rumania

Ao lado: Miss Turquia

Miss Allemanha

A visita das Misses a São Paulo

Miss Italia, Senhorita Mafalda Mariottino, na redacção da "Fanfulla", entre directores e redactores do grande jornal italiano.

Miss Estados Unidos, Senhorita Beatrice Lee, no Consulado Norte Americano, com o representante do seu paiz na Capital do Estado.

Em baixo: Miss Portugal, Senhorita Fernanda Gonçalves, com o Dr. José Augusto de Magalhães, Consul portuguez, na redacção d'"A Gazeta". Na extremidade, á esquerda, Casper Libero, director do querido vespertino e que foi o animador da ida das Misses a São Paulo.

Appolonia Pinto

A mais recente photographia da grande artista brasileira

Não só por um dever que julgo imperioso, como por immenso prazer, visito, habitualmente, a minha eminente amiga e conterranea Appolonia Pinto, a grande artista nacional que, já no declinio de sua vida artistica, conserva ainda dentro do seu coração todo o enthusiasmo pela arte theatral, na qual, na sua mocidade, Appolonia brilhou como astro de maior grandeza. Disto nos dão noticias os jornaes de então, os seus collegas de arte e todos finalmente que a conheceram no apogeu da sua gloria e da sua decantada belleza.

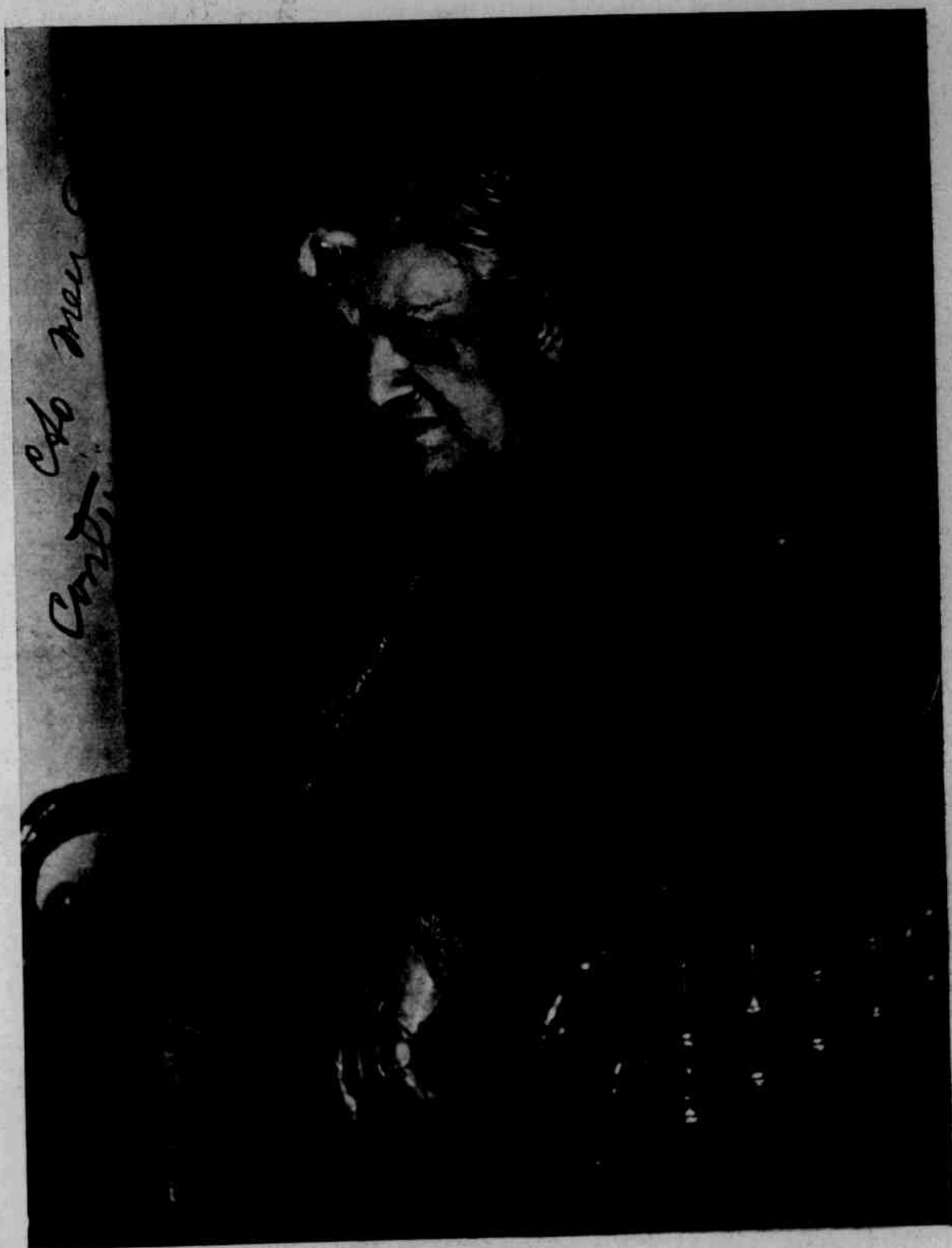
Mas o talento não envelhece — é como o tempo, Eterno! E "a lingua portugueza é o tumulo do pensamento".

Desgraçadamente isto é um facto que se comprova tanto no Brasil, como em Portugal. E Appolonia teve a infelicidade de nascer no Brasil, porque tivera nascido em outro paiz em que se cultue a intelligencia, seria, hoje, sem nenhum favor, celebridade mundial.

Junto a ella, conversando-se com Appolonia Pinto sobre theatro, é que se póde bem aquilatar daquelle seu fulgurante talento e do seu amor á arte incomparavel.

Ella discorre eloquentemente sobre todo o movimento theatral de todos os tempos, citando peças e artistas, elogiando a uns, e não censurando, mas como como que querendo estimular a outros, Appolonia não deixa de perdoar aos mais fracos, defendendo-os até devido ás modificações por que vae passando a grande Arte. Velhinha como está, já ha muito tempo afastada do palco, nem por isso, deixou de interessar-se pelo theatro. Conhece-o, como ninguem e, estando ao corrente de todas essas ultimas estréas e visitas de artistas estrangeiros, Appolonia, longe de menosprezar o theatro moderno, tem para elle os mais calorosos elogios. Diz, mesmo, que essa modificação que, como em todas as outras artes, se nota no theatro, é uma consequencia do tempo, mesmo porque o theatro não poderia ficar estacionado, deixando que sobre elle triumphassem todas as outras manifestações da arte propriamente dita.

A' proporção que o seu physico vae enfraquecendo e a sua cabeça se vae cobrindo de neve, o seu espirito, como que reagindo contra esta lei natural, apparece rebrilhante de belleza, de poesia, ao clarão triumphal da sua gloria passada. Mesmo assim, como está, afastada do palco, ella não deixa de, constantemente, matar as saudades dos seus innumeros admiradores.

Ali no seu ninho de artista, á Avenida Mem de Sá, onde Appolonia Pinto vive, actualmente, debruçada nas reminicencias de um passado glorioso, recebe os seus amigos em recepções intimas, festas, aliás que constituem para nós que a estimamos e admiramos, uma carinhosa nota de distincção e espiritualidade.

A sua ultima festa artistica foi no "Theatro Phenix".

Com uma casa *á cunha*, subiu á scena, naquella noite, a comedia "Flores de Sombra", de Claudio de Souza. "Flores de Sombra", como se sabe, é uma peça de pouca theatralidade, consistindo quasi toda a sua belleza, no seu valor literario, e por isso mesmo requer, para interpretal-a á altura, artistas da invergadura de Appolonia. E ella, a divina artista nacional, digamos mesmo, a rainha do palco da America do Sul e de Portugal, reaffirmando o seu grande valor, interpretou "Flores de Sombra", naquella festa, como muito raramente se vê uma artista representar o seu papel. Como requer a contextura da peça, Appolonia Pinto revelou-se a maravilhosa e perfeita *diseuse*, cheia de convicção e sentimento.

No dialogo do final do primeiro acto, quando o autor compára a mulher á flôr, a minha velha e querida amiga empolgou a platéa carioca que, vibrando de justo enthusiasmo, achou que devia applaudil-a de pé e de atirar-lhe flores, as flores com que testemunhava, de modo concreto, os seus louvores, os seus applausos.

E foi quando Appolonia não resistiu aos applausos indifferentemente. Cheia de emoção, commovida inteiramente, recebeu esses louvores chorando, chorando de alegria, de contentamento, afinal: pranto, aliás, que traduzia e symbolizava o seu completo triumpho.

No final do acto, arrebatado pela justiça que lhe fazia a platéa carioca, dirigi-me ao seu camarim, onde já se encontravam outros jornalistas, innumeros conterraneos, senhoras e senhoritas da alta sociedade e ahi, commovido como estava, disse-lhe pela nossa gloriosa Athenas Brasileira, estas palavras que me sahiram instinctivamente, cheias de fé e de emoção:

— O MARANHÃO ORGULHOSO E AGRADECIDO, ENVIA - TE POR MEU INTERMEDIO, O SEU GRANDE BEIJO DE RECONHECIMENTO E DE SAUDADE!

E assim, emquanto a velhice bemdita vae lhe cobrindo de neve a cabeça, ella tem para o Maranhão os seus melhores pensamentos, para o Maranhão que ella tanto adora e para o povo maranhense que tanto bem lhe quer.

GUIMARÃES MARTINS

Hortense Luz

A finissima artista que está com a sua Companhia no Theatro Republica onde todo o Rio tem ido applaudil-a. Ella como é. E ella em tres papeis typicos do repertorio a ser apresentado nesta temporada.

A dansarina do cavallo

POR D. STROHL

DESENHOS DE A. DE ROUX

UM velho proverbio de circo pretende que a "Virtude de uma lagrima está em proporção inversa ao tamanho da sua saia". Occupando-nos pois, da bailarina-acrobata, cujo saiote de filó, tão curto e tão franzino gira em torno dos circulos, teremos o duplo prazer de elogiar as suas qualidades familiares ao mesmo tempo em que falaremos da sua arte, extranha mistura de força e de graça.

Pósta em cima do cavallo aos seis annos, fatigada com os exercicios de saltos mortaes, gymnastica, acrobacia do tapete, etc.... a bailarina casa-se geralmente aos 17 ou 18 annos, com um artista de circo e, desde então, partilha dos perigosos exercicios do marido. Um hombro deslocado, uma perna quebrada, ou fortes torceduras não a deteem, assim como as maternidades que apenas interrompem o trabalho algumas semanas. Uma vez restabelecida, retoma intrepidamente o seu enthusiasmo e salta de novo sobre a almofada que constitue para ella o mais estavel supporte.

No curso da sua instrucção a acrobata consagra a maior parte dos seus estudos á Dansa. Segue todos os detalhes como si se preparasse para a Opera. Ouso mesmo affirmar que tem mais energia e applicação do que muitas que se destinam á grande scena, encantadoras, mas, ás vezes, preguiçosas. E' graças á Dansa que a cabeça e os braços da nossa amazona se fixam bem, que os pés e os joelhos evitam o desagradavel desvio para o lado.

O senso dos gestos equilibrados e graciosos tambem lhe são conferidos pela Dansa, resta tomar conhecimento com um perigoso socio, o cavallo. Perigoso, de verdade, pois basta, para um accidente mortal, um passo em falso, uma parada brusca ou mesmo uma mudança de pé dessa "nobre conquista" que a Natureza não favoreceu com dons especiaes de intelligencia.

Os gymnastas têm redes que protegem das quédas, os acrobatas as "escapadas" que lhes preparam os acolytos. A infeliz bailarina do cavallo, embora o sorriso que lhe paira nos labios, fixa muitas vezes com o olhar agoniado o duro contorno da pista; a temeridade não é um dos menores attractivos do seu trabalho.

Como póde chegar a se manter de pé, equilibrada, com as mudanças do trote e do galope? Durante os ensaios, collocam no centro do circo um grande cavallo movel sobre o eixo, no braço desse apparelho prendem uma grossa corda cuja extremidade se amarra na cintura da alumna; esta faz as primeiras experiencias sentada,

depois de joelhos, e levanta-se gradativamente até o dia em que saberá, sobre a almofada, reproduzir os passos de dansa aprendidos no firme.

Uma vez em plena posse desses meios individuaes, aborda os exercicios de combinação com um homem e principalmente o *passo de dois*, que é um prazer para os finos conhecedores: o homem — novo colosso de Rhodes — apoia o pé direito num cavallo, o esquerdo no outro e os dois animaes galopam lado a lado. Com a mão direita mantem as redeas, sem forçar a bocca dos cavallos e, com a esquerda, segura a bailarina pela cintura, tira-a da almofada colloca-a ora nas costas, ora nos hombros, etc..., emquanto o senhor Loyal estala com força o chicote.

Muitas vezes tambem, a bailarina abandona a almofada pará dar saltos. Do cavallo nu, apenas com uma silha de punho, ella desce, em pleno galope, remonta o animal, transpõe com elle, barreiras ou pendura-se atravessada, a cabeça para baixo, o pé preso numa "staffe" adaptada do lado exterior e, nessa posição, apanha lenços do chão. A tradição manda que nessa série de exercicios, a artista não vista o seu lindo traje feminino, e escolha entre os de Pelle Vermelha, Cosaco do Don, Jackey de Epson!

Depois que Cora Pearl movimentou todo Paris sob o reino de Franconi, a estrella da bailarina do cavallo parecia ter amortecido. Entretanto, brilharam Miss Powell, Laurita Ricono, Lucy Plége...

Mas, neste momento, manifesta-se claramente o resurgimento e a voga do velho circo classico. Que a moda dure e nos permitta sempre applaudir, para alegria dos nossos olhos e exemplo das nossas almas, as lindas bailarinas do cavallo, audazes, sorridentes e honestas.

Poeira de Recordações

Café Nicola

LOUVÊMOS Deus pelo bem enorme que nos concedeu de podermos reviver em lembrança as horas bôas da vida, que são sempre as que se foram ao arrepio do tempo, na vertigem das emoções, precipitando-se na distancia, fugindo como que arrependidas do prazer que nos causaram.

Recordar é viver de novo, diz toda a gente. E reviver horas que nos foram gratas, é saborear deleitadamente um nectar que se provou com pressa e de que mal nos ficou o gosto.

No torvelinho da vida de hoje, mal temos para gosar tranquillamente o bem que possuimos ou o prazer que se nos offerece e que não sabemos — doidejante falêna insatisfeita que é o homem — devidamente aproveitar. O tempo passa, as sensações succedem-se, a vida muda, escoa-se, e é então que a nossa imaginação prodigiosa começa a fazer passar como um film bem real, tudo o que lá encontra na distancia.

E então repete-se intimamente o desolador "Ah! se fosse hoje!" ou "se me apanhasse naquelle tempo!", mas sem remedio, infelizmente.

As recordações vêm em bando adejar no nosso cerebro e, como num sonho bom, parece que voltamos a vêr os mesmos ambientes em que vivemos, a mesma escola que frequentámos, os mesmos companheiros que tivémos, os velhos parentes que nos amimaram e encaminharam na vida, os condiscipulos com quem partilhámos as horas angustiosas ou emocionantes dos tempos de estudo, os primeiros triumphos, o orgulho da primeira *étapa* vencida, emfim, toda essa infinidade de coisas a que não ligamos no momento a devida importancia, que não sabemos aproveitar tantas vezes e que hoje, reparando já num atrevido cabellinho branco a espreitar por entre os companheiros atrasados, nos fazem murmurar baixinho o fatal: "se me apanhasse naquelle tempo!"

Toda essa reproducção cinematographica do que lá vae, a que a saudade nos faz de vez em quando assistir, se torna mais frequente, mais viva e fiel, quando se nos põem deante dos olhos coisas que são o chamaris de lembranças gratas.

*
* *

Os cafés de Lisboa!

Não ha jornalista portuguez ou estrangeiro que por lá tenha passado, que os não recorde saudosamente.

Desde a *Brasileira do Chiado* até ao *Martinho*, todos elles se fixaram para sempre na vida citadina de todas as epocas, registando o espirito das gerações que se succederam, firmando tradições que se não desvanecerão jamais.

O café é indispensavel na vida da grande e formosa capital, elle é a forja das grandes iniciativas e dos desmedidos arrojos, alguns dos quaes tanto se têm feito sentir na vida portugueza.

De lá sahem os ministros a que o Terreiro do Paço abre as portas tão cobiçadas, como lá se preparam as estrondosas quédas desses mesmos ministros que para o café voltam afim de tecer a meada que os guindará de novo.

Lá se ergue nos braços a roliça moçoila de olhos seductores e fórmas appeteciveis, a menina Fama, aquella pimpolha barulhenta e alegre em que todos têm os seus olhos ansiosos.

Os cafés de Lisboa!

Embora cada um tenha sua feição caracteristica, a definir as tendencias, os gostos e até o caracter dos seus frequentadores, todos elles, afinal, estão ligados na mesma obra.

Ha tempos o "Noticias Illustrado", numa das suas reportagens em que se affirma o espirito moderno dos nossos companheiros de hontem, trazia-nos até cá alguns desses ambientes tão nossos conhecidos e nas gravuras apresentadas com aquella arte requintada em que o bello semanario prima, appareciam caras amigas com quem, parece, que ainda hontem nos encontravamos para discutir os pon-

Um dos quadros de José d'Almada na "Brasileira do Chiado"

A "Chique", a preferida dos autores e actores

tos fracos de uma peça ou de um novo livro, de uma exposição ou de um concerto.

Quixote em ponto reduzido de Castello de Moraes, o poeta e contista maravilhoso, bizarro na fórma como na imaginação

Os Cafés de Lisbôa e os seus aspectos

Lá vemos a famosa "Brasileira do Chiado" decorada agora pela espirito irrequiéto dos valores marcantes da nova geração, daquella em cujas pugnas entrámos tambem ardorosamente; o seu "Xuão Franco" a pedir um *radio átivo* e a informar-nos, como termometro da politica, a temperatura do dia.

A varias mesas, descobrimos Ferreira Gomes, o magnifico poeta e o incorrigivel bohemio, o irreverente traductor para gallego livre das mais consagradas obras; perto o grande maravilhoso poeta da "Terra Prohibida", Teixeira de Pascoais, sorrindo com aquelle seu ar de mystico contemplativo; para lá Christovam Aires; mais atraz Antonio Soares o pintor das meninas exquisitas da epoca; na mesma mesa os oculos, o chapeu, e a papada do Benoliel, o az dos reporters photographicos, a desapparecer ao fundo um quarto do rosto menineiro de Jorge Barradas; na frente, meio offuscado pelo fumo do "seu" cigarro, Mattos Sequeira, archeologo e critico. Falta-lhe — porque a objectiva certamente não apanhou — o Nogueira de Brito outro grande critico e o Alberto Souza, o grande aquarelista, o poeta da côr.

A "Brasileira do Chiado"

A Brasileira do Rocio

O interior da "Brasileira do Chiado"

..Um quadro de Jorge Barradas na "Brasileira do Chiado"

Só estes a objectiva apanhou, mas quantos mais a nossa imaginação colloca no scenario saudoso; as scintillações do monoculo e do espirito do Gualdino, a figura de Don Quixote em ponto reduzido de Castello de Moraes

o sereno Stubs de Lacerda — e, parece-me que na mesma mesa ainda estamos, eu e o Hermenegildo Antonio, que os acasos da vida tambem trouxeram para cá, e todos planeámos o ultimo numero da minha revista de Arte — "Musica".

Outros, outros mais se recordam no fundo negro, abancados á frente dos *zagrins* refrescantes, que o *Magalhães* e o *João Franco*, os garçons da preferencia, nos serviam.

Mas... e os outros? O Martinho?... Lá vemos o José d'Almada Negreiros na roda dos futuristas. Pontifica o José Pacheco architecto, no grupo o Antonio Ferro, o Antonio Soares, Ruy Coelho, e alguns praticantes do futurismo. Estes tão depressa se reunem na *Brasileira* como no *Martinho*. Neste ultimo o scenario é amplo e não teria fim a lista dos que lá vemos discutindo enthusiasmados e sinceros, destacando-se a academia irrequieta, organizando a lista dos concurrentes á Directoria da Federação. No "*Martinho da Arcada*", lá para baixo, lá para o Terreiro do Paço, vemos abancados o Fernando Pessoa, o homem em duplicata, phylosopho singularissimo mesmo quando é Alvaro Campos, o maravilhoso autor do "Antinous", que os inglezes louvaram e a critica portugueza não notou, a seu lado o exquisito Raul Leal, o imaginario de uma nova religião o requintadissimo Antonio Boto, o das "Canções", que a policia com um excesso moralizador muito patusco, aprehendeu consagrando o autor, e mais alguns.

No "Chave de Ouro" os politicos moderados, na "Brasileira do Rossio" os mais irriquietos, os que põe de vez emquanto aquillo tudo em polvorosa.

No "Suisso" os afficcionados discutem a ultima tourada, a belleza de um bom par de bandarilhas ou a elegancia dos floreios do Simão da Veiga ou do Casino.

No "Gelo" e no "Italia" aquece ao rubro a discussão das phases dos ultimos desafios, proclamam-se as supremacias do Sport Lisboa e Bemfica, do Sporting ou dos Belenenses.

Na Praça dos Restauradores, a *Chic*, ponto escolhido dos actores e autores, onde depois do espectaculo se vae gulosamente em busca da canja apetitosa e confortadora.

No "La Gare", pacato, commerciantes a u s teros prevêem as proximas oscilações do cambio.

Hoje temos, além de outros mais, que já não chegámos a conhecer, a reedição do celebre "Nicola", que traz aos nossos dias a recordação do grande poeta Bocage, mais conhecido pelo que menos fez, e da sua epoca tão pittoresca.

(Termina no fim do numero).

PHILANTHROPIAS...

POR CARLOS RUBENS

ILLUSTRAÇÃO DE PAULO WERNECK

DONA Maria de Andrade vivia em Santa Rita de Carangola.

Quando um dia viu passar pela porta um moço bonito que apregoava quinquilharias, olhou-o com certo estremecimento a que elle não foi estranho. Aqui repete-se a historia: viram-se amaram-se e casaram.

Estabeleceu-se o portuguêz em Santa Luzia de Carangola, dahi tempos depois, passou a Juiz de Fóra, fincou-se em Bello Horizonte. Bem. Prosperando. Os negocios correndo a vento propicio. Já no lar eram tres. Depois, quatro: elle, d. Maria de Andrade e Carrazedo (elle era Manuel de Carrazedo) e dois filhos. A vida corria-lhes em bonança. Esplendidamente.

Um dia, uma crise avassalou o Estado, como já vinha avassalando o resto do paiz. Falta de credito. Negocios escassos. Fallencias.

Pela primeira vez, Manuel de Carrazedo pensou sériamente na vida e viu que ella não era apenas mar bonançoso. Deu um balanço nos negocios e no dia seguinte só riu por fóra, só foi contente no exterior, que dentro era perspectiva de uma miseria fatal.

A fallencia não demorou.

Dona Maria, envergonhada e pobre, suggeriu irem para Palmyra. Foram. Ahi, Manuel de Carrazedo a andar noite e dia, ás intemperies, á busca de trabalho, adoeceu. Apanhou uma asthma que o suffocava, tenazando-o, esganando-o terrivelmente. Inutilizou-se.

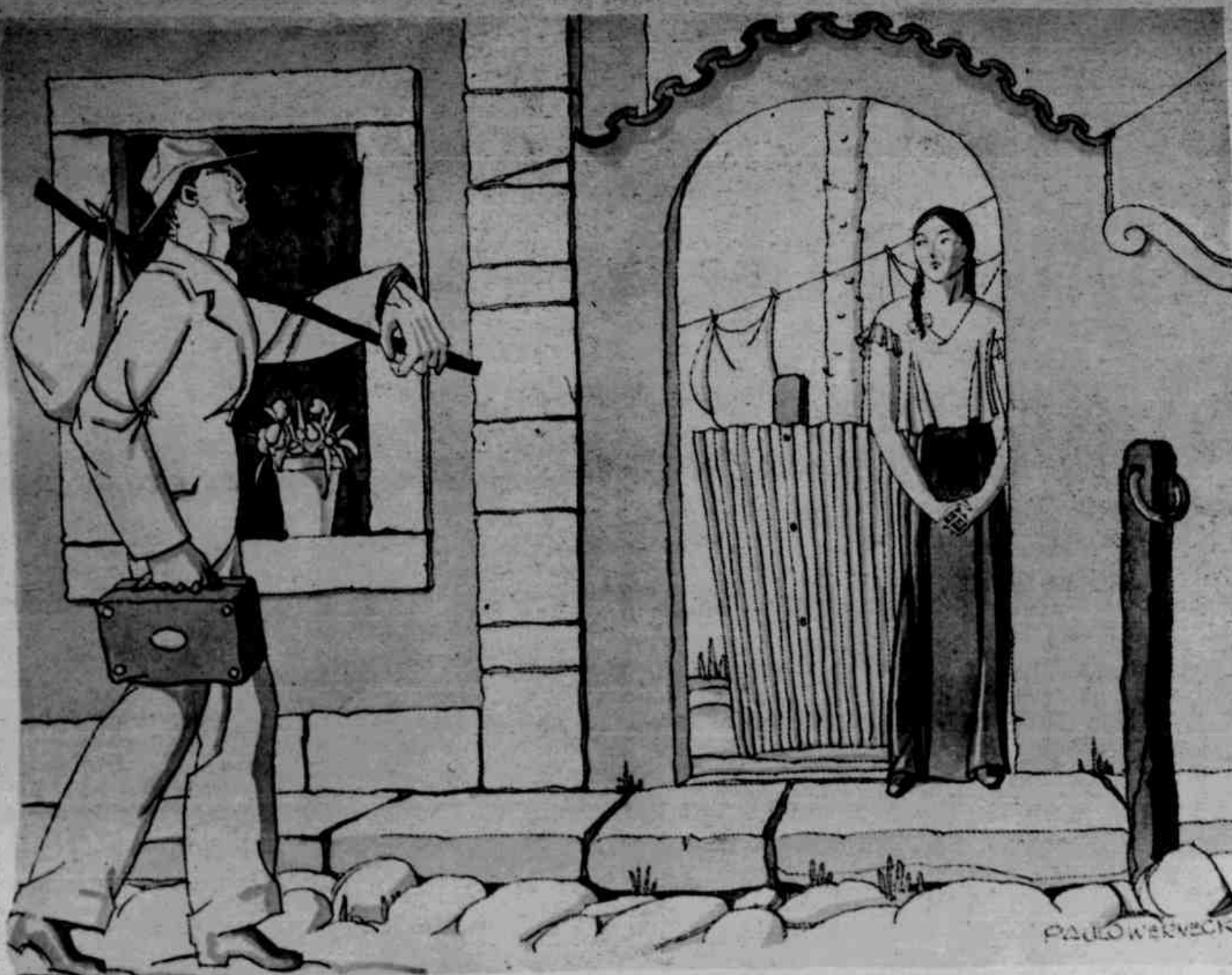
Em casa, vendo os filhos quasi famintos, a mulher ainda bonita e frescalhona sem o trato e o mimo de outros tempos, Manuel de Carrazedo maldizia-se, blasphemando, menos contra a miseria do que contra a doença que o impedia de lutar.

Nesses instantes, dona Maria Carrazedo cobria-o com o pallio sacramental do seu consolo:

— Isso passa. Havemos de voltar aos bons tempos. Deus é grande. Você melhorará, ficará bom. E eu poderei auxilial-o. E quem sabe se um outro logar não nos seria benefico? Se não encontrariamos pessoas que se apiedassem de nós, alguem que lhe désse um emprego ou um auxilio? Ha tanta gente rica e bôa neste mundo...

Manuel de Carrazedo devendo ter um riso verde, riu amarello. Fez cahir languidamente as commissuras dos labios.

Dona Maria de Carrazedo insistiu:

— Quem sabe lá? No Rio, por exemplo, ha tanta gente que se compadece dos pobres... Os jornaes de vez em quando falam, dando-lhe até os retratos, nas grandes philanthropias que dão casa e dinheiro aos necessitados, soccorrem os que nada têm e merecem estatúas e se fazem ou os fazem condes e marquezes. Nas grandes damas que fazem festas de caridade e se tornam dignas da gratidão dos miseraveis.

Gente que não nos deixaria morrer á mingua, dando-lhe um emprego, dando-me um emprego, poupando-nos a fome aos nossos filhos.

Manuel de Carrazedo sentiu que algo de bom lhe cahira na alma. Suavissimamente. Pensou sériamente no Rio.

Agora, a preoccupação maxima dos dois era a Capital Federal. A miragem. O El-Dourado.

Venderam o que lhe restava e fizeram-se para a Metropole, cheios de esperança. Sonhadores e ingenuos.

Saltaram na *gare* da Central e rumaram para um Hotel á rua Senador Pompeu. E começaram nova odysséa.

Diariamente Manuel de Carrazedo sahia, perambulava pela cidade, fazia indagações sobre negocios ou empresas e voltava cheio de abandono e desencanto. Tristonho. Tudo lhe mentia. Só escutava promessas que não vinha e recusas frias. E lamurias. E grosserias. Nenhuma perspectiva côr de rosa lhe sorria.

Em breves dias estaria sem vintem. Inteiramente perdido. Já o dono do Hotel, portuguez como elle começava de o tratar seccamente, atirando-lhe allusões perversas.

Chegando em casa uma noite em ansias, esphyxiado de asthma, quiz desabafar com a mulher e não poude. Mas no dia seguinte, desfiou-lhe as tristes apprehensões.

— Vamos mal, Maria. Muito mal. A continuar assim, dentro de poucos dias, seremos postos á rua como cães. E não sei o que será de mim, de ti, de nossos filhos.

E sem que deixasse a mulher replicar:

— Infelizmente eu nada posso fazer. Sou menos do que um homem. Um trapo. Até o proprio andar me exhaure. Creio que só teremos um recurso: regressar.

E offegou penosamente

—Não é tempo ainda para desanimo, disse-lhe dona Maria Carrazedo. Eu irei pedir para mim, para ti. Haverá quem se apiede de nós, quem nos dê trabalho.

E dona Maria, na ingenuidade dos que nunca soffreram nem lutaram, pensou nos grandes philanthropos nos homens que os jornaes citavam como benemeritos e humanitarios, como pae da pobreza, enaltecendo-lhes as virtudes e que por isso mesmo eram viscondes e marquezes e tinham estatuas nas ruas.

No dia seguinte sahiu com o marido e foi á casa do Visconde de Novaes, nascido na mesma aldeia em que nascera Manuel de Carrazedo. Não a deixaram falar-lhe. Voltou no outro dia. No terceiro. E o proprio Visconde lhes disse, no quarto dia, sem parar, á porta do escriptorio, que nada podia fazer, que no momento era impossivel.

Dona Maria Carrazedo voltou ao Hotel abatida. Os olhos em brasa. Disse ao marido que só ouvira falar em difficuldades e do proprio Visconde que "no momento era impossivel".

O marido teve uma sombra amargurada nos olhos.

— Amanhã iremos juntos ao filho do millionario Severino de Oliva, que morreu. Dizem que é um moço muito generoso. Diz-lhe que és portuguez tambem, como o pae, e que queres um emprego ou meio de regressarmos á Carangola.

Manuel de Carrazedo sahiu com a mulher no dia seguinte, arfando ao peso oppressivo da asthma e foi procurar o moço rico.

Tres dias levou para falar-lhe. Sempre não o podia receber. No quarto um empregado seccamente lhe disse:

—O "doutor" manda dizer que escreva dizendo o que deseja. Não pode receber ninguem.

Manuel de Carrazeda olhou com tristeza os olhos pasmos da mulher. Escrever o que desejava!

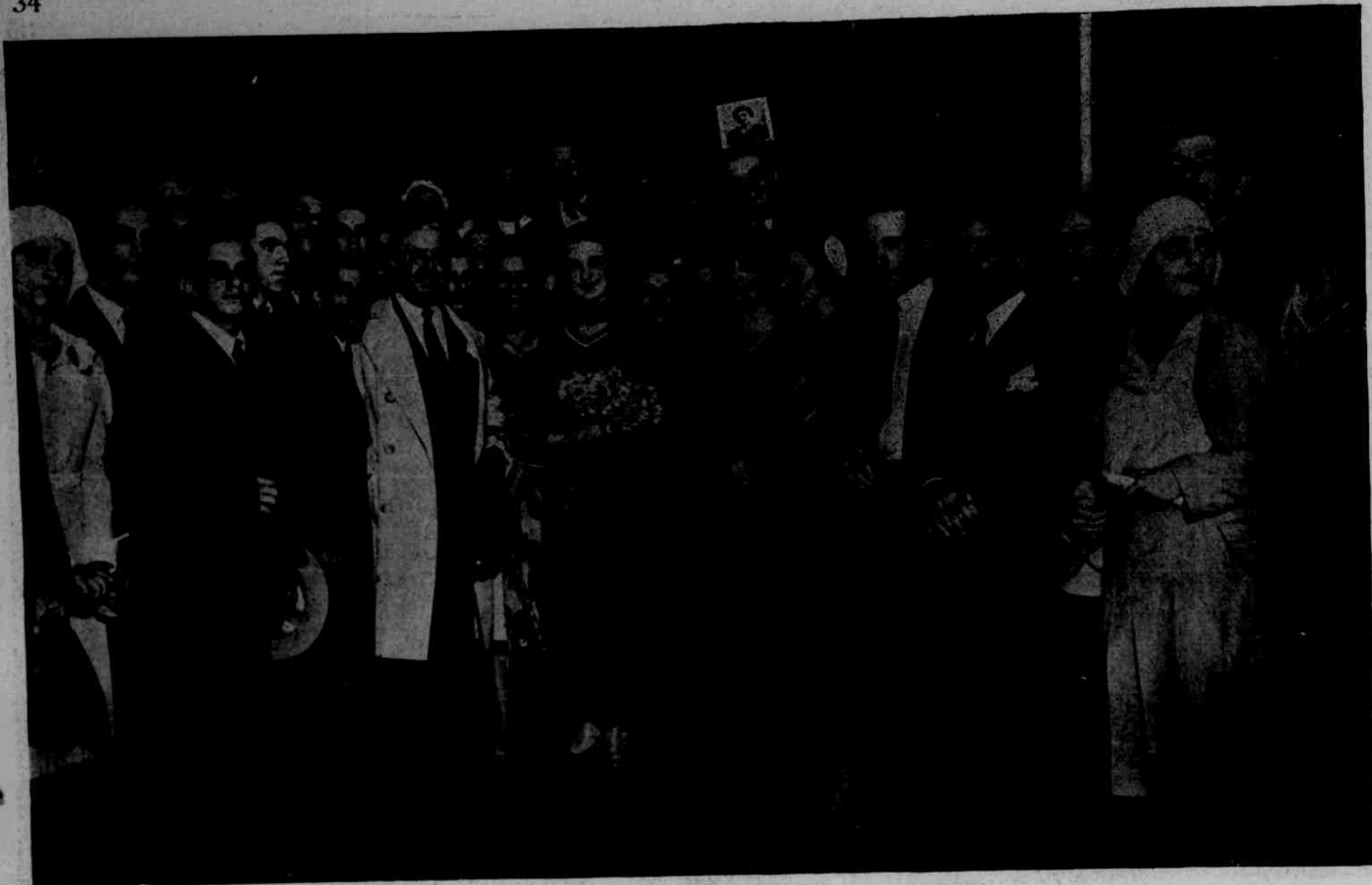
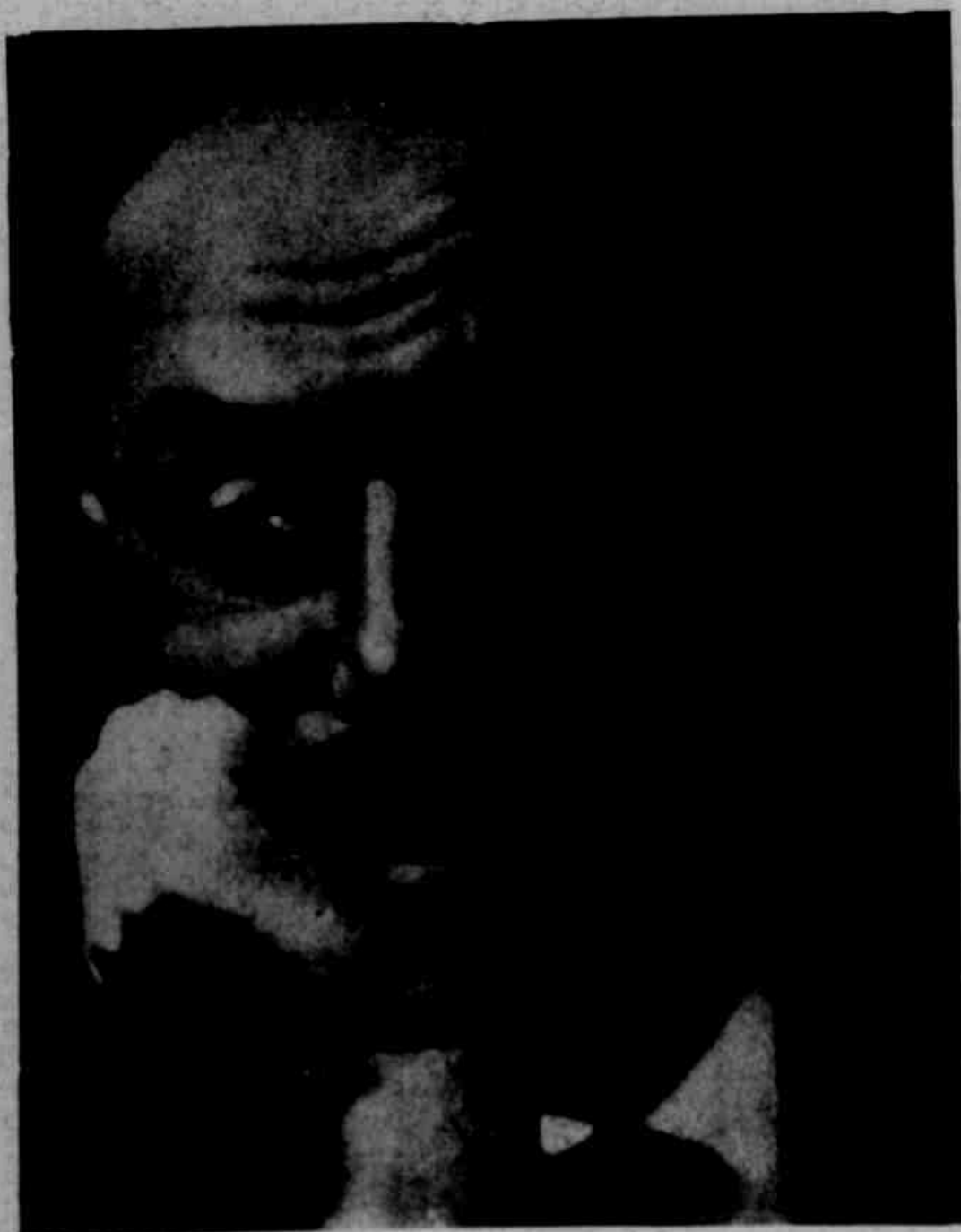
Dona Maria adiantou-se e disse que era negocio urgente, que queria dizer duas palavras ao "doutor".

Nada conseguiu. Esperou-o, então, á sahida. E foi, num instante, mostrando a inutilidade do marido, que ella pediu o favor, que o moço recusou.

— No momento não posso attendel-a. Impossivel.

(Termina no fim do numero)

RECEPÇÕES

Em cima: na linda morada do Dr. Rodolfo Siqueira
Em baixo: na Legação do Uruguay

Em cima: na feira da Casa do Estudante quando a Senhorita Irene Wentzell, Miss Russia, vendeu em leilão em beneficio da iniciativa de Anna Amelia uma photographia sua que alcançou o preço de 102$800.

Assim é que devia ser

A Casa do Estudante ganhou, sabbado passado, um cheque de 10:000$ que lhe deu o Sr. Mario de Oliveira, da Companhia Hanseatica, em troca dos livros "Gurya", "Arranha-céos", e "Aventura Sentimental" de Benjamim Costallat, autographados pelo autor. Os estudantes ficaram alegres. E alegre ficou Benjamim Costallat por ter contribuido para esse excepcional beneficio á Casa do Estudante. Assim é que devia ser. Homens intelligentes e ricos ajudando, atravez de homens intelligentes que não são ricos, as idéas bonitas. Benjamim Costallat enviou ao Sr. Mario de Oliveira o seguinte telegramma: "Peço acceitar meus agradecimentos pela honra que me deu, fazendo meus livros intermediarios seu lindo e generoso gesto favor Casa do Estudante. Affectuosas saudações".

Anton Giulio Bragaglia, creador e animador do mais moderno theatro italiano e que tem feito, no Trianon, conferencias interessantissimas.

Em cima: photographia tomada durante uma recepção no palacete do vice-presidente do Senado, que foi, como todas, motivo de alegria para as amizades do casal Antonio Azeredo.

Canto do meu canto

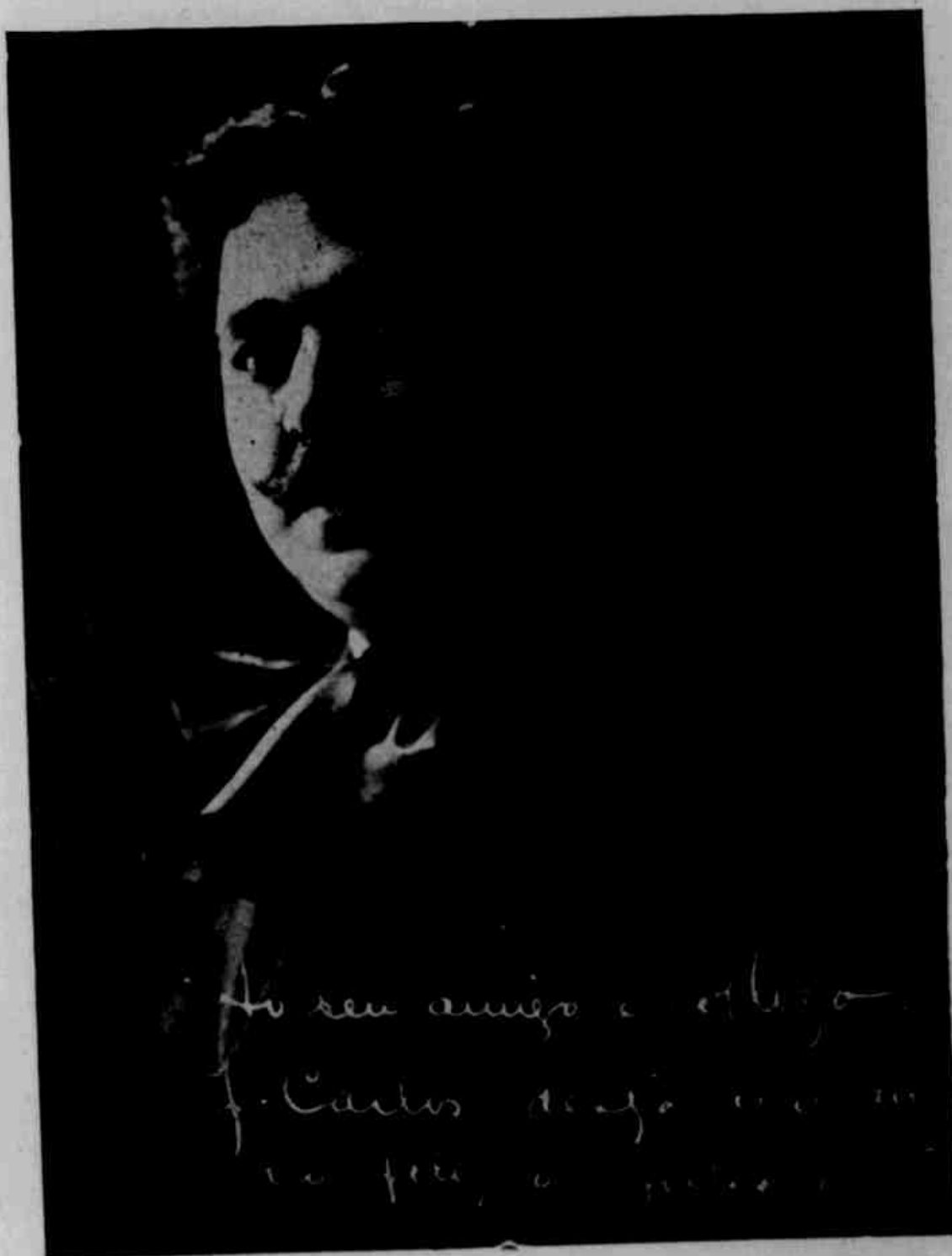
Da sacada deste canto altissimo em que eu moro, vejo a cidade toda il uminada como um grande estrellario aonde ha luzes esplendidas debruçadas sobre as aguas quietas da bahia.

Quando a noite vae serena e alta, eu gosto de ficar ali sosinha a olhar a cidade, o mar e o céo todo azulado, meditando nesta vida que eu vivo dentro de mim mesma.

E os meus pensamentos, na figura hyperbolica de cada um, tumultuam velozes diante do meu vulto sempre açoutado pelas rajadas da vida.

Depois... vejo a bonança e com ella a serenidade de pensar indifferente em tudo que passou e olhar a cidade illuminada, as luzes reflectidas sobre o mar e o céo todo azulado como o motivo talvez de ser feliz.

D I V A D A N T A S

Julião Machado, o grande illustrador portuguez, que viveu muitos annos no Rio e que morreu ha pouco, em Lisbôa.

Orfeão Portugal

Tres aspectos da linda festa dedicada á Senhorita Fernanda Gonçalves

Miss Portugal, que estava resfriada, não poude comparecer. Representou-a sua irmã que sentiu quanto bem querem á "Menina Saudade" os Portuguezes do Brasil.

As mais bellas da terra Brasileira

Senhorinha Jocelina Pamponet de Cerqueira, "Miss Feira de Sant'Anna"
— BAHIA —

Senhorinha Laudelina dos Santos Figueiredo, uma das mais votadas no districto de Sant'Anna
— BAHIA —

Senhorinha Carmen Coelho, a 2ª classificada — Feira de Sant'Anna
— BAHIA —

Senhorinha Lindinalva Cerqueira Lima, Miss Villa S. Francisco — titulo conquistado com grande votação
— BAHIA —

DE ELEGANCIA

POR que se vestiu de verde? Como brilham os olhos da minha amiga! Conte. Que lhe passa pela cabeça? Que lhe aconteceu hoje? De verde! Espera alguma cousa? Sorri... Não lhe sei advinhar a intenção do sorriso. Mas, ao que me parece, ha mixto de ternura e de anseio na sua physionomia illuminada. Doce a alegria que lhe embelleza os traços. Suave como caricia a tonalidade da sua pelle que a grande aba do "paillasson" ensombra e o colorido da roupa reaviva. Mas você está encantadora com o seu olhar mysterioso e quente. Ah! é o sol que se fez brando apesar dos raios ouro vivo; é o céo que se não toldou de nuvens e está azul como petalas de "forget me not"; é o mar de ondas mansas, quasi verdes, quebrando-se macias na amurada do cáes; é a tapeçaria florida dos grandes canteiros dos jardins; são as folhas que reappareceram nas arvores; é o movimento elegante da cidade; é a troca de roupas sombrias pelas que rejuvenescem as mulheres; é o começo da v ida no campo, nas praias, nas montanhas; é o principio do exodo para das estancias de aguas... Continúa a sorrir. Não diz nada. Continúa a sorrir como se as minhas palavras mal lhe chegassem aos ouvidos. Sorri para ella mesma, num sorriso que se percebe e cujos motivos intimos não se advinha... Riu, agora. Riu de mim? Não foi, decerto, para mim. Sei, não proteste. Seria em vão. Que transforma, hoje, esta creatura? Isso... Aquillo... Diga, não me prolongue o tormento da sempre atormentada curiosidade. Diga por que está contente. Diga. Faço o que quizer. Exija. Dou-lhe flores, muitas flores, das que escolher, das de sua predilecção...

— Tonto. Nem sabe que a flor mais preciosa é a que a Natureza hoje nos dá. Não ha mysterio na luz dos meus olhos. Repare na alegria do céo, no carinho do sol, dourado o mar e as arvores, a cupola do sarranha-céos e o zinco dos casebres. Toda a cidade é a alegria com que se acolhe a alegre Primavera.

— Você ama a Primavera? Você tambem está contente pela chegada da formosa estação?

— Contentissima. E' mais uma que chega e eu recebo como a incarnação da Felicidade.

— Ella se vae...

— Ficará a Lembrança.

— E a Saudade?

— Amanhã...

—oOo—

Paris realizou mais uma das festas com que celebra a grande arte da elegancia dos trapos, e a que prestaram notavel concurso artistas notaveis dos grandes theatros da cidade Luz.

Exposição da moda do momento em que os costureiros mais se aprimoram na creação de modelos. Os scenarios em que se movem os manequins vivos são rigorosamente adequados á especie de vestimenta que exhibem. E, entre um quadro e outro, entre uma e outra cortina, desempenho de numero de variedades a que prestaram concurso, da ultima vez, nomes consagrados como Chepler, Marguerite Deval, Zambelli, Francis de Croisset, a baroneza René Durrieu, Yvette Guil-

lidades vivas servem para taes calçados que aqui vão representados por varios modelos.

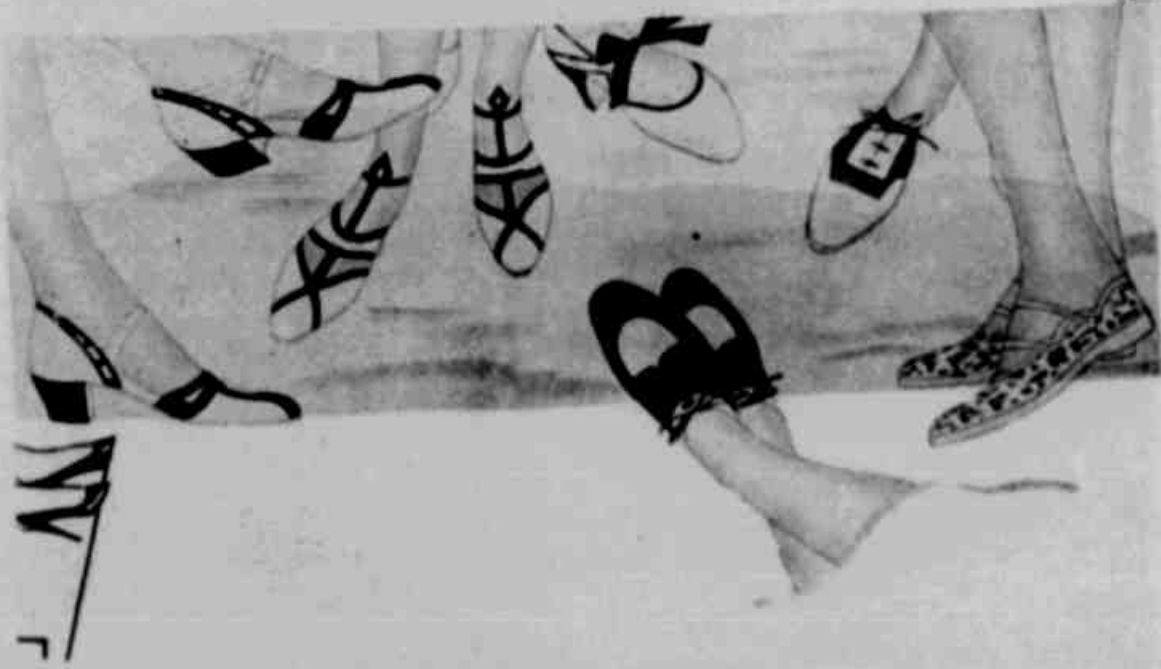
Na Primavera começam as elegantes a abandonar sedas pesadas e casemiras. Tecidos leves, colorido vivo ou tons pastel.

Nos vestidos esporte o comprimento continúa inalteravel, isto é, saias dez centimetros abaixo dos joelhos. Mas nos de musselina, nos de fazendas diaphanas o comprimento é um pouco maior, mesmo por causa dos chapéos de grandes abas.

E' de bom preceito alliar perfeição e durabilidade. Na estação calmosa como nos rigores do inverno, as fazendas que se não desbotam são as de marca Indanthren, etiqueta iá bem conhecida dos grandes centros, como o carioca vae acostumando-se a preferil-a. No verão as elegantes usam "lingérie" de seda leve ou de leve cambraia de linho. E *Indanthren* assegura resistente côr e resistencia nos diaphanos tecidos.

SORCIÈRE

bert, Falconnetti, Sacha Guitry, e outros. Na grande sala de espectaculos do theatro Pigalle, as mais bellas e elegantes mulheres de Paris; no palco, modelos de vestidos primorosos em criaturas lindas. "Femina" e "Excelsior", cada vez que effectuam tal noitada, mais se fazem enaltecer no espirito publico. E' festa annual, em plena estação elegante "tout Paris" reunido officialmente nos mezes que é de rigor viver na civilizadissima capital.

Assim é que se soube da preferencia dos grandes costureiros pelo branco nos vestidos de "soirée". Assim é que se soube da preferencie dos estampados na Primavera, no estio, nos chás dansantes, e até nas blusas dos "tailleurs" Mesmo nos sapatos de praia os tecidos estampados apparecem. Formam, com a pelica, graciosas alpercatas como a camurça, o crêpe da China, o panamá de seda de tona-

As mais bellas da terra Brasileira

Senhorinha Maria Nazareth Galvão, Miss Aracajú — SERGIPE —

Senhorinha Luiza Dias Vieira, das mais votadas para Miss Maranhão

Senhorinha Enedina Coelho, Miss "Tres Lagôas" — MATTO GROSSO —

Senhorinha Neuza Pinto, a 2ª classificada para Miss Pernambuco

Senhorinha Maria Annunciata, a mais votada de Victoria — PERNAMBUCO —

As novas officinas da Light

A' cerimonia da inauguração das novas officinas da Light & Power, construidas nos antigos terrenos do Jockey Club, estiveram presentes os Srs. Drs. Washington Luis, Presidente da Republica, e o prefeito do Districto Federal, Sr. Dr. Antonio Prado Junior, que se fizeram acompanhar de altos funccionarios federaes e municipaes.

As autoridades da Republica e da Cidade foram recebidas pela directoria da Light, que, depois da troca de cumprimentos, as conduziu á porta de accesso ás officinas. Ali, ao cortar a fita symbolica, o chefe da Nação pronunciou as seguintes palavras: "Tenho o prazer de felicitar a directoria da Light por essa inauguração e pelo muito que tem concorrido para o progresso desta Cidade".

Em seguida o Presidente da Republica e o Prefeito visitaram com as suas comitivas todos os departamentos das novas officinas, no que foram acompanhados pelos Srs. Miller Lash, Presidente da Brasilian Traction, H. H. Cousens, Vice-Presidente, C. A. Sylvester, Vice-Presidente da Rio de Janeiro Tramway, Light & Power Co. Ltd., J. M. Bell, Supte. Geral dessa Empresa, C. A. Barton, Supte. Geral do Dep. de Tracção e Officinas, Lawrence Hill, Supte. Geral da Companhia Telephonica Brasileira, e altos funccionarios da Light e funccionarios do Departamento da Tracção e Officinas.

O Sr. C. A Barton, director do novo estabelecimento technico - constructor da Light, animado pelo interesse manifestado pelos illustres visitantes, ia solicitamente explicando cada utilidade e cada detalhe das grandes officinas.

Terminada a visita official, foram os convidados levados ao salão de refeitorio dos operarios onde o Sr. C. A. Sylvester ergueu a sua taça, saudando o Presidente da Republica.

O Sr. Presidente da Republica e o Prefeito, com os demais convidados, ao sahirem das novas officinas da Light.

Ao Champagne, o Sr. Presidente da Republica agradecendo a saudação do Sr. C. A. Sylvester

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para resposta.

■

LECTICIA (Rio) — Nada tem que me agradecer. Eu é que lhe agradeço a bondade das suas gentis referencias. Tem toda razão no que diz. Sua natural alegria é sombreada por esse "spleen" a que se refere e que terá de passar, affirmo-lhe eu. Quanto ao pseudonymo, realmente, julguei que fosse o nome pela coincidencia daquella inicial recortada ao alto da carta. Escreva, Lecticia, que me causa muita "alegria" receber noticias suas, principalmente se disser que lhe voltou a grata alegria de viver.

VIUVINHA (Poços de Caldas) — Muita graça, elegancia natural, senso artistico, intelligencia vivaz, teimosia, espirito critico e satyrico, força de vontade e energia. Achei muito interessante o estudo graphologico, ou melhor: ideologico que fez a meu respeito, embora exaggerado quanto ás bôas qualidades que descobriu.

Sua assignatura e o traço que a frisou denotam pressa, impaciencia, nervosismo, o mesmo se notando na abreviatura do nome da localidade. Escreva-me Viuvinha, ao menos assim se distrahe das saudades que deve ter do seu defunto... esposo.

ANDALUZA (Minas) — Não ha, como suppõe, o mais leve traço de ironia quando me refiro á curiosidade ou vaidade das lindas filhas de Eva, minhas queridas **irmãs**. Sem esses dois attributos ellas perderiam muito da graça e do encanto que têm e dos quaes sua cartinha é uma maravilha flagrante.

Nella não ha nenhuma fraqueza e sim franqueza, lealdade, espirito agil, loquaz, expansivo, amavel, interessantissimo, emfim.

Satisfazendo sua **curiosidade**, aconselho-a a ler o tratado do Dr. C. Streletesk. Escrevi tambem qualquer cousa a respeito no **Almanack d'O Malho** de 1929.

O estudo das linhas que mandou no postal mostra grande actividade mental, energia creadora, um pouco de pessimismo, temperamento sceptico e algo autoritario. E' ainda inconstante, com pouco equilibrio e estabilidade. E', entretanto, amoroso e altruista. Bom rapaz, emfim. Está satisfeita, Andaluza? Responda.

MARIA RIBEIRO (Rio) — Calligraphia infantil, mostrando bôa fé, ingenuidade, candura, mesmo; ha signaes de generosidade, alguma dissimulação, fraqueza, falta de senso da medida, altas aspirações que não podem ser realizadas pela sua natural timidez. A falta de espaço não permitte maiores detalhes.

DIDI X. (Rio) — Muito nervosismo, inconstancia, delicadeza de sentimentos, um tanto desconfiada e sonsa. E' ainda bondosa, meiga, condescendente. Pela inconstancia de seu temperamento ás vezes está alegre, expansiva, outras vezes, e sem razão, triste e reservada. Hysterismo...

G. L. (Rio) — Confirmo o que disse anteriormente. Se temperamento artistico é virtude, essa você a tem.

DUQUE (?) — Apesar da escassez do material enviado (3 linhas apenas) aqui vae o que pude observar: Bastante personalidade, amor ás commodidades, ao luxo, mesmo. Reserva, discreção. Poder de logica e assimilação, assim como concatenação de idéas. Firmeza nas opiniões e resolução prompta e segura. Bello caracter, emfim, resoluto e tenaz.

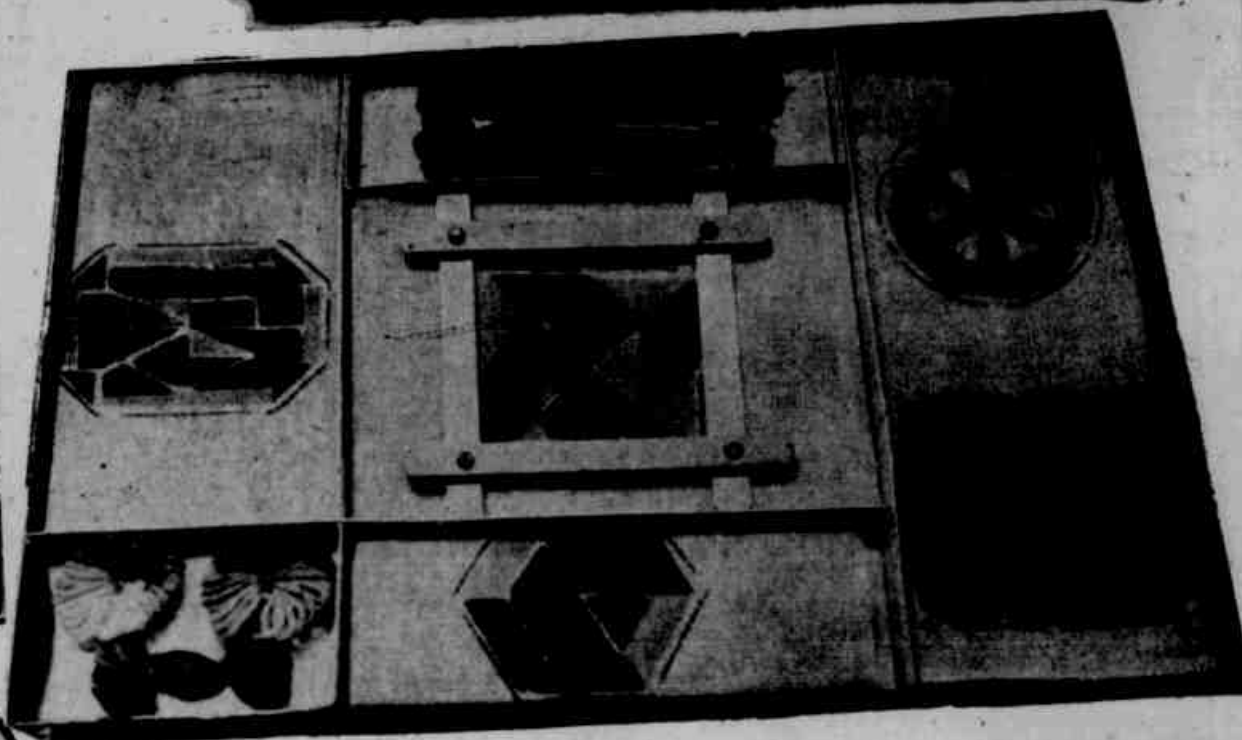
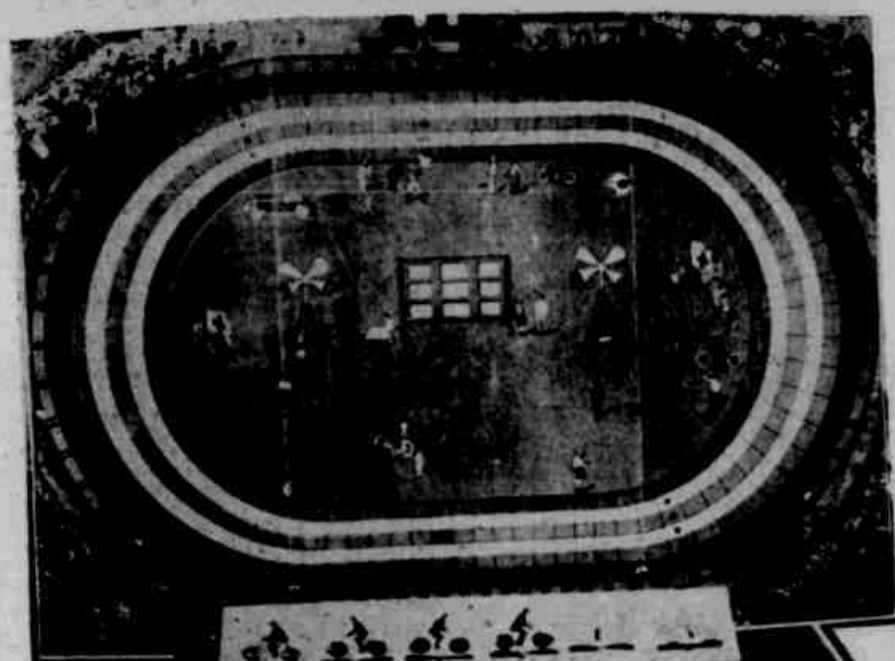
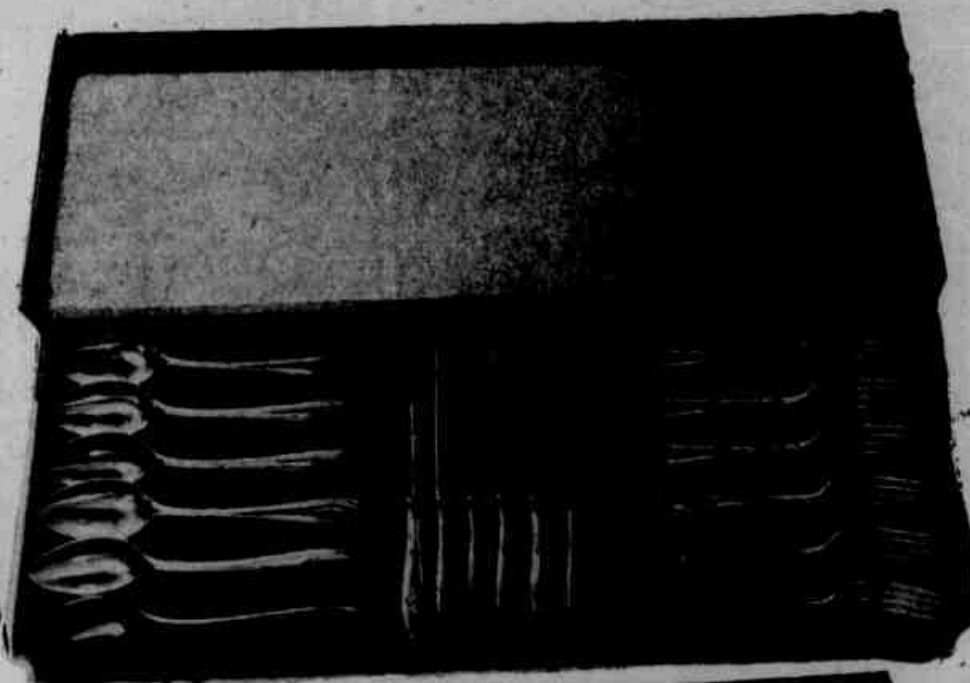
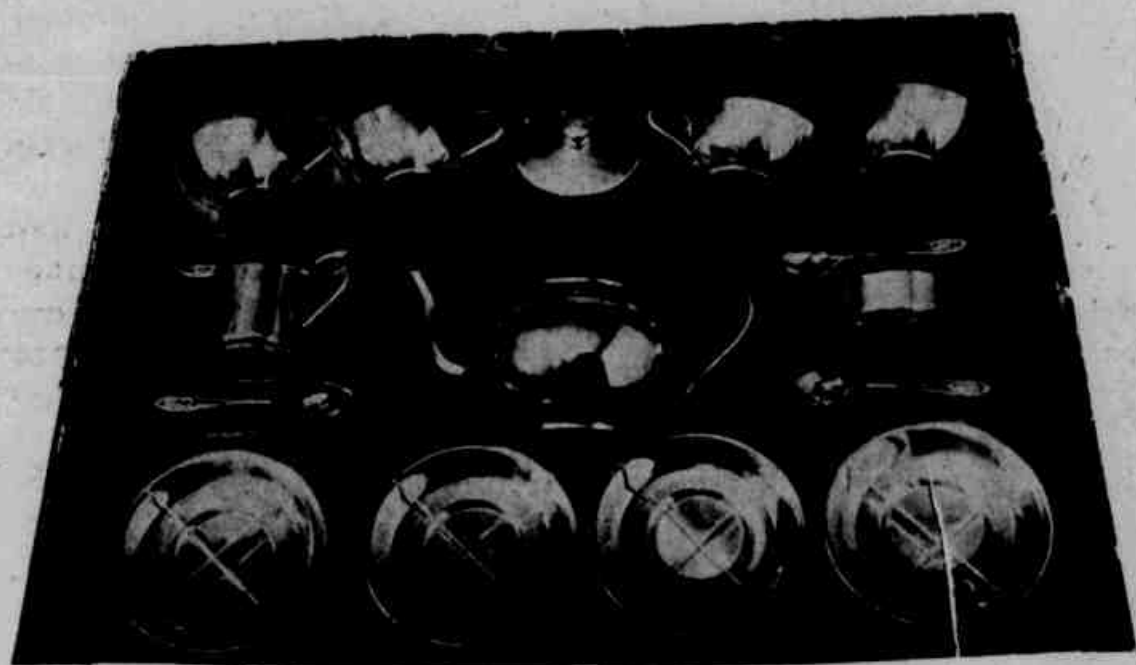
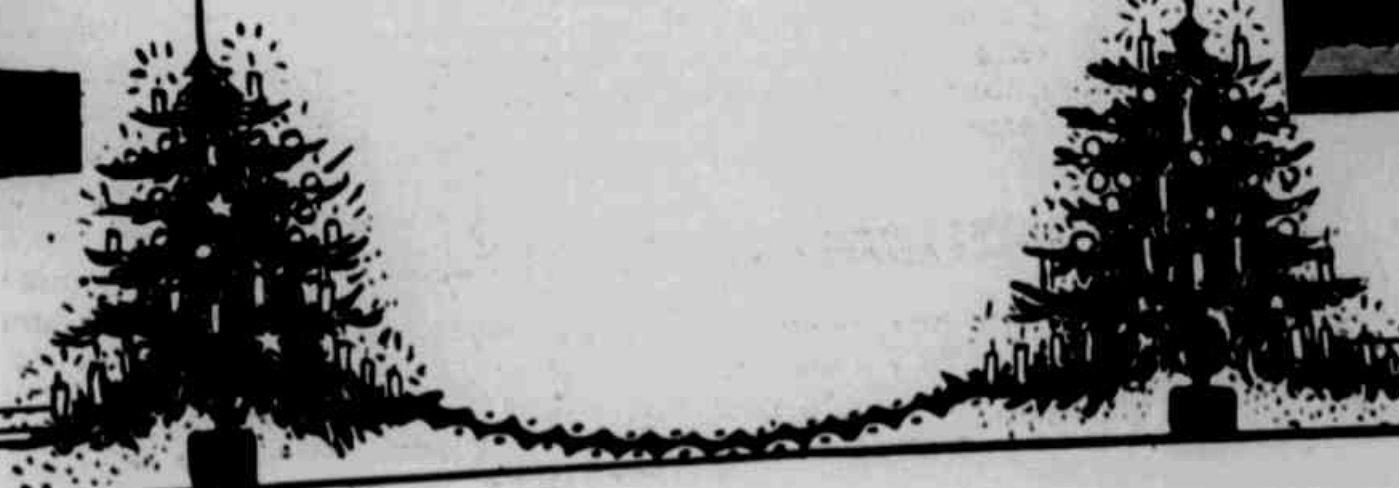
Feiticeira (?) — Despreoccupação, mobilidade, incoherencia, impulsividade são as principaes caracteristicas da sua letra. Ha tambem um pouco de vaidade, amor ao mysterio, ao desconhecido e certa preoccupação de originalidade e de seguir a lei do menor esforço. No momento de escrever tinha uma preoccupação qualquer que lhe avassalava o espirito.

SONIA MIRANOFF (?) — Muitos pontos de contacto tem sua graphia com a da consulente Feiticeira que a precede. Ha na sua ainda alguns traços de egoismo, que póde ser levado á conta de ciumes. Reserva, teimosia e pouco amor á verdade que póde tambem ser devido ao seu espirito phantasista accrescentando muitos "pontos" aos seus contos.

MISS TANGUET (Dores da Bôa Esperança) — Bondade, alacridade, espirito futil, voluvel, intelligente, porém, pouco cultivado. Amiga da vingança, não perdoando a mais leve offensa que supponha lhe haver sido feita. Amor proprio muito susceptivel de se melindrar. Verdadeira melindrosa, emfim.

FREUDSON (?) — Espirito pratico, materialista, audacioso, cheio de iniciativa e coragem. Franco, decidido, leal. Sabendo o valor do tempo, não o perde inutilmente. Amigo dos livros, apurando sua cultura que, aliás, não é grande e supprimindo essa falta com a vivacidade da sua intelligencia e facilidade de assimilação ao que lê.

AL NEFES (Rio) — Sua assignatura quasi illegivel e de maneira diversa da letra com que escreveu a carta mostra dissimulação, hypocrisia, dubiedade de caracter. Outros signaes, entretanto, mostram generosidade, ou melhor: prodigalidade, orgulho, altas aspirações. Muito incoherente e indeciso, querendo hoje o que desprezava hontem e assim por deante. Amigo do luxo, das grandes viagens, sente-se bem, não se ficando em parte alguma.

GRAPHOLOGO

O GRANDE CONCURSO DE NATAL que O Tico-Tico já começou a publicar está despertando em todas as creanças do paiz o mais vivo enthusiasmo. E assim acontece muito justificadamente, porque os lindos e valiosos brinquedos que constituem os 150 premios que serão distribuidos em sorteio do **Grande Concurso de Natal d'O Tico-Tico** são de tentar os petizes, como se vê das photographias de alguns delles constantes desta pagina.

Qual será o

Um serviço perfeito de cartomancia, a

"Para

N. 188 — VERA CRUZ (Itatiba) — Vejo bôas palavras e sympathia de parte de um homem que vos quer bem e vos dará um mimo de amor por intermedio de uma mulher que vos presta serviços com lealdade. Haverá uma separação, melhoria de posição nesta casa de um homem que vos trahirá. Vejo um acontecimento feliz e inesperado. Ides receber dinheiro e uma dadiva de amor, porém não agora.

N. 189 — EVA DEL MAR (?) — Ha um homem da lei que vos proporá casamento. Recebereis breve algum dinheiro e uma falsa amiga vos quer fazer um mal em um banquete nesta casa. Uma vizinha de má lingua e um rival vos causarão um pequeno desgosto com más palavras. Recebereis uma prenda fóra de casa, de uma mulher que se diz vossa amiga, porém não o é. Em horas de comidas e bebidas tereis uma surpresa.

N. 190 — NEM QUEIRAM SABER (?) — Uma mulher que vos estima e um homem que deseja o vosso bem derramarão lagrimas por causa de uma carta que vos será dirigida certa noite e vos causará uma indisposição. Por caminhos demorados, uma pessôa intermediaria vos trará uma trahição e ciumes que determinarão uma ausencia, pequenos dinheiros, porém, melhoria de posição de vosso noivo que terá com isso uma surpresa.

N. 191 — FRANCISCO AMBAR (Ingahy) — Vejo um processo e condemnação, obstaculo a um casamento, prisão, tudo occasionado por uma mulher que vos deseja mal e vos dirige más palavras em cartas que vos escreve. Um homem de bem que é vosso amigo se ausentará, provocando lagrimas. Vejo um feliz acontecimento a uma pessôa intermediaria que vos estima nesta casa e vos dirá bôas palavras, avisando-vos de uma trahição certa noite.

N. 192 — M'le BEATRIZ (Campos) — Um mancebo em bôa posição de fortuna breve se apaixonará por vós e vos fará uma promessa que será para vós uma grata novidade. Com lealdade vos escreverá, sendo suas cartas interceptadas por uma vizinha inveiosa. Casareis breve e tereis uma surpresa nesta casa motivada por um rival de vosso marido. Vejo fraca fortuna nesse casamento que será feliz, apesar disso.

N. 193 — MARINA (?) — Este homem de bem que vos estima terá um constrangimento passageiro. Uma pessôa intermediaria em horas de comidas e bebidas discutirá com um rival fóra de casa por causa de uma vizinha de má lingua. Recebereis uma carta, não agora, com algumas novidades. Vejo breve um matrimonio e bom exito em negocios.

N 194 — IRACY SILVEIRA (Minas) — Paixão de um homem da lei com cinco sentidos e trahição de uma intrigante. Um homem que deseja vossa felicidade breve casará e se afastará lealmente. Ides receber dinheiro não muito.

Um homem que casará comvosco ao lado de um homem idoso e de bom conselho terão fortuna nesta casa e ireis receber uma grata noticia pelo correio.

N. 195 — SCISMA (?) — A caminhos vagarosos vem um acontecimento feliz e inesperado. Haverá um desvio de dinheiros e ireis receber tambem dinheiro de uma pessôa que vos estima nesta casa. Haverá um matrimonio que entristecerá certa pessôa. Ireis receber um mimo de amor de um homem que vos estima e é de pouca fortuna. Vejo depois dinheiros grandes de um rival e de um homem de negocios. Haverá separação depois de uma carta que recebereis.

N. 196 — MARY ROSICLER (?) — Vejo desgosto, doçura e correspondencia interceptada. Um homem idoso, cujos conselhos deveis ouvir, soffrerá grande constrangimento por causa de um casamento. Deveis fugir de um joven que vos [illegible] se fôr ouvido. Um outro homem que vos [illegible] feliz terá melhoria de posição, assim como uma mulher que vos presta serviços e tem bom coração. Vejo leviandade em uma egreja. Um rival ficará gravemente enfermo.

N. 197 — VERMA MOCO (Palmyra — Minas) — Recebereis uma carta que causará desordem nesta casa por causa de um casamento. Com alegria, lealdade e

neu futuro?

utamente gratuito, aos leitores de
los..."

muito gosto, em um banquete, tereis uma surpresa. Isso
provocará ciumes em alguem que tem paixão por vós
fóra de casa. Vejo vicio por desgostos em um homem
que quer vossa felicidade e é de pouca fortuna.

N. 198 — MOEMA (Minas) — Todas as consultas
terão uma resposta. Eis a vossa: Uma mulher que vos
presta serviços com cinco sentidos está contra um joven
que vos trahirá. Recebereis depois uma carta de recon-
ciliação. Vejo grandes dinheiros, porém pouca sorte e
más palavras. Recebereis um presente que despertará
ciumes em uma rival. Um homem que vos estima vos
contará novidades sobre o obstaculo a um casamento, o
que vos dará desgosto.

N. 199 — NANETTE (?) — Vejo, no futuro, a au-
sencia, por causa de ciumes, de uma pessôa querida. Re-
cebereis um presente e uma carta que serão obstaculos
do vosso casamento por uma leviandade. Haverá lagri-
mas, correspondencia interrompida por um homem que
vos trahirá e é seductor. Tereis uma surpresa que será
recebida com sympathia.

N. 200 — AGACE (Rio Grande do Sul) — Em ho-
ras de comidas e bebidas haverá ciumes e novidades de
uma rival de grandes dinheiros. Em uma egreja rece-
bereis uma dadiva. Vejo um processo e condemnação de
pessôa amiga. Tereis uma paixão d'alma nesta casa e
ficareis doente. Um homem que vos estima casará breve,
assim como um outro que deseja vossa felicidade.

N. 201 — PEROLA N. (S. Paulo) — Vejo zelos,
com cinco sentidos e lagrimas de um homem de negocios
e de outro que se preoccupa com o vosso futuro. Vejo
mais uma separação nesta casa motivada por más pala-
vras. Um rival será breve desviado e terá uma indispo-
sição. Haverá enredos com um homem que vos deseja
o bem, em horas de comidas e bebidas, ao lado de uma
mulher que vos presta serviço e tem bom coração.

N. 202 — ONARICEMA (Nova Friburgo) — Uma
mulher que vos deseja o mal vos fará uma promessa.
Tereis poucos dinheiros e sereis trahido por ciumes. Um
rival, nesta casa, com um homem que vos deseja o bem
provocará desordem, causando uma indisposição. Uma
mulher que vos fará muito mal brevemente casará. Ha-
verá seducção e doenças nesta casa.

N. 203 — DULCINÉA (Franca — S. Paulo) —
Vosso destino veiu claro nas cartas onde se lê que um
homem que deseja vossa felicidade, ao lado de rival,
fóra de casa, não já, porá obstaculos a um casamento.
Uma mulher que vos estima junto de uma outra que vos
deseja mal procurará vos defender com bôas palavras.
Um homem que vos estima e será vosso noivo ou vosso
marido terá ciumes de vos. Vejo um processo que porá
obstaculos ao vosso casamento. Haverá um banquete e
um acontecimento feliz e inesperado provocando uma
paixão. Recebereis, por fim, uma carta de reconciliação
de pessôa que vos é desaffecta.

N. 204 — MITHO (S. Carlos) — Um homem vos
trahirá em uma festa. Vejo melhoria de posição, lealda-
de, um casamento feliz feito com alegria. Uma mulher
que vos estima vos contará novidades. Um homem ido-
so e de bom conselho terá um constrangimento, ficando
doente. Uma pessôa intermediaria commetterá uma le-
viandade que vos poderá comprometter. Recebereis bôas
noticias no proximo correio. Uma mulher que vos fará
mal se arrependerá do que irá fazer.

N. 205 — GIPI-GIPI (S. Luiz) — Vejo uma doen-
ça grave e desvio de dinheiro. Haverá breve o casamento
de uma rival fóra de casa com dinheiros grandes e sym-
pathia. Pela porta da rua virá um homem que deseja
vossa felicidade e ha de o conseguir. Vejo trahição e
uma ausencia provocando lagrimas certa noite. Haverá
ainda uma desordem compensada por bom exito nos ne-
gocios.

N. 206 — GALEGUITA (Volta Grande) — Um ho-
mem que vos estima, ao lado de um velho de bom con-
selho e de uma mulher que vos deseja mal, em um
banquete vos dará uma prenda. Uma pessôa intermedia-
ria com muito gosto, nesta casa será desviada, o que será

Mappa onde têm de ser escriptos os valores das cartas, conforme ficarem sobre a mesa, e depois recortado e enviado á redacção de "Para todos..." com o pseudonymo ou nome do consulente e localidade de onde vem.

uma surpresa, causando lagrimas. Uma vizinha de má lingua vos trahirá. Vejo um casamento feito com lealdade seguido de uma separação.

N. 207 — VALERIA (Livramento) — Recebereis bôas novas brevemente. Vejo um obstaculo a um casamento provocando desgostos. Ides receber dinheiro. Vejo mais uma doença fóra de casa em um homem que vos estima. Haverá um processo na justiça provocado por uma mulher intrigante. Um joven que será vosso noivo e tem bôa posição de fortuna, em um banquete, provocará uma desintelligencia que o affastará de vós.

N. 208 — LISE A. (Minas Geraes) — Tereis uma paixão e vos farão uma promessa. Uma mulher que vos presta bons serviços, brevemente, com alegria, vos trahirá em uma egreja. Vossa correspondencia será cortada, pondo obstaculos ao vosso casamento, o que vos causará desgostos. Um homem que vos estima e será vosso noivo ou marido terá ciumes de vós. Um outro que vos deseja o bem ao lado de uma pessôa intermediaria, zelará com cinco sentidos pela vossa felicidade.

N. 209 — ZITO P. G. (S. Paulo) — Vejo sympathia, desvio de dinheiros, doença e seducção não agora. Haverá tambem melhoria de posição fóra de casa de um homem da lei. Recebereis bôas noticias no proximo correio. Um joven vos trahirá se fôr attendido e uma mulher de bom coração ao lado de um homem que deseja vossa felicidade, trabalhará por vossa ventura, embora com poucos dinheiros, neutralizando a acção de uma rival que pretende vos fazer mal junto a um homem que se preoccupa com o vosso futuro.

INSTRUÇÕES PARA "DEITAR AS CARTAS"

Toma-se um baralho novo, que ainda não tenha servido para nenhum jogo e do qual se excluem as cartas representando os valores 8, 9 e 10 de cada naipe. Embrulha-se bem em sete folhas de papel branco, cada folha de per si. Passa-se depois pe a agua do mar ao meio dia de uma sexta-feira, proferindo-se no momento estas palavras:

— "Que os espiritos celestes vos ponham virtude".

Nos logares onde fôr difficil obter agua do mar, deitam-se em uma bacia, ou outro recipiente qualquer, sete garrafas de agua commum, e dentro da mesma se atiram sete punhados de sal com a mão esquerda. Tendo sido o sal extrahido da agua do mar por evaporação, volta novamente a ella, integrando-se no liquido.

Depois de mergulhado na agua alguns instantes, desembrulha-se o baralho dos seus sete envolucros, baralha-se tres vezes e parte-se em cruzêta, o que se faz dividindo-o em quatro montes ou partes, mais ou menos iguaes, que se collocam sobre uma mesa coberta com toalha branca.

Juntam-se novamente os quatro montes, a começar do ultimo até o primeiro, e, depois de alguns minutos de concentração de espirito, em que não se pense em outra cousa senão naquillo que se pretende saber, vá-se deitando as cartas da esquerda para a direita em oito filas de cinco cartas, como mostra o quadro anterior, de sorte que a sexta fique abaixo da primeira e assim por deante, até a quadragesima do angulo inferior direito.

Feito isto, escrevam nos quadros correspondentes a cada carta o seu valor ou figura que representam, como no exemplo annexo:

Dama de ouros	3 de copas	az de espadas	5 de páus	Valete de copas
6 de páus	Rei de copas	2 de ouros	Dama de espadas	etc etc

Modelo como terá de ser preenchido o mappa

Recortem o mappa depois de preenchido, assignem-no com o pseudonymo que escolherem e enviem-no para: Redacção do "Para todos..." (Serviço de Cartomancia) Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

A resposta não se fará esperar e deve ser procurada nesta mesma secção em que será publicada com o pseudonymo correspondente á consulta feita.

O Luar

(FIM)

Margot e Fifina, as irmãs de Linneu, fizeram côro com ella, e num rapido minuto a minha timidez, essa antiga e inexoravel vigia das minhas acções, evaporou-se deixando em seu logar, contra a minha expectativa, um desembaraço artificial e espalhafatoso. Os dias correram numa velocidade vertiginosa. De manhã, após uma toilette exigente, eu me reunia aos amigos e sahimos para passear a cavallo. Iamos sempre a galope, um pouco ás tontas, quasi sem saber para onde nos dirigiamos. O destino apparecia-nos ao fim do caminho imprevisto, e então eram risadas, projectos animadores, palavras sem nexo... Margot entontecia-me com a negrura profunda de seus olhos de fogo e eu jamais senhor de mim, fixava aquellas estrellas incandescentes, exclamando num arroubo apaixonado:

— Ah! Margot! se a vida fosse como este passeio, seria delicioso!...

Ella respondia ruborisada:

— E' só você desejal-o. Tudo se consegue quando a vontade é firme...

As suas respostas embora fossem acompanhadas da luz forte de seus olhares, eram, ás vezes, dubias e incompletas. Entretanto, não me preoccupavam e tão absorvido eu estava naquel a existencia, que não encontrava tempo para escrever á mamãe. Eu andava tonto e febril. Afinal, uma noite — que eu quizera riscar da minha vida — depois de uma valsa excitante, durante a qual eu apertara ardentemente o braço tremulo de Margot, recolhi-me ao meu quarto, no segundo andar. Sentia-me nervoso, parecendo-me ter ainda nos braços o peso suavissimo daquelle delicado corpo languido. Não podia adormecer, a exaltação era enorme, e para me acalmar abri um livro que comecei a folhear.

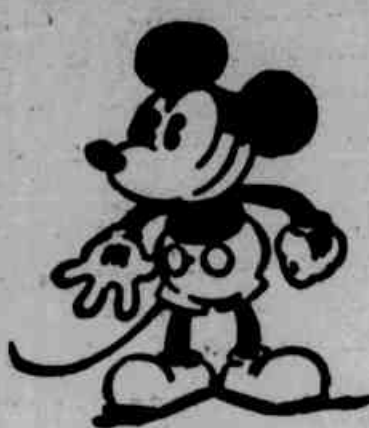
Era um romance francez; a historia de uma rapariga que fugira de casa numa noite de luar. Levantei os olhos, e reparei então que a lua escondida até ali, se elevara resplandecente, alastrando pelo chão encerado um immenso tapete de prata. A minha attenção desviou-se do céo para se fixar na porta sem saber por quê. Aos poucos, na claridade luminosa formaram-se sombras movediças, para se fundirem numa só onde a minha ansiedade julgava distinguir a figura estremecida da moça a sorrir-me e a chamar-me. Ennervado com a insomnia que ameaçava perseguir-me toda a noite, fechei o volume, e levantei-me para tomar um calmante. Mas a afflicção do meu espirito continuava persistente. Todo o meu ser se agitava, e os olhos avidos, pulavam para a porta de instante a instante numa expectativa absurda. Por que essa inexplicavel angustia? Haveria no ambiente em que eu me movia qualquer corrente invisivel opprimindo-me em circulos estranhos? Essa sensação exquisita, proviria de duas taças de Champagne, tomadas de noite contra meus habitos de sobriedade?

Sim, devia ser isso... O facto evidente é que sómente ás tres horas da madrugada pude apagar as luzes e ter um pouco de tranquillidade. Mas o luar desatava-se pelo quarto, cobrindo o chão, as paredes, as cadeiras, com a sua alvura impressionante de mortalha. Até em cima do meu leito elle se espreguiçava numa immobilidade aterradora. Levantei-me, puxei os estores, fechei tudo para o não ver, mas pelas frestas das janellas elle espreitava-me com insistencia, zombando da minha irritabilidade.

Aquellas fitas obliquas, infiltrando-se tortuosas e cadavericas, exasperaram-me ainda mais. Sem coragem para dominar-me, abri de novo as venezianas, deitei-me e cobri a cabeça, afim de não sentir esse contacto desagradavel, quando um ruido leve de passos soou no corredor. Descobri o rosto atemorizado, e creia você, amigo Cintra, vi a porta abrir-se lentamente, e uma sombra — fantasma ou mulher? — com um longo roupão de sêda branca, encaminhar-se para mim, de olhos fixos, olhos penetrantes, cujo fulgor não esquecerei nunca mais. Encolhido e estupefacto, apertando com horror as cobertas, fitei aquelle vulto singular. O clarão da lua illuminou-o nesse momento, e eu reconheci com pasmo e horror a minha tresloucada Margot. Avançou para o meu lado, o cabello cahido sobre os hombros, e sem um gesto mais vivo, sem a menor demonstração de me estar vendo, ajoelhou-se e agarrando-me os pés que tremiam, murmurou numa voz supplicante:

— "Leopoldo, perdoa-me o mal que te fiz, mas não sou culpada! Perdoa! Perdoa!"

Com o olhar esgazeado, a voz presa de uma commoção indescriptivel, eu seguia-lhe os movimentos sem poder falar. Ella proseguia no seu murmurio emquanto grossas lagrimas lhe escorregavam pelas faces.

Depois ergueu-se, envolta sempre no manto livido da lua, e com o mesmo ar vago e triste, sahiu para o corredor. Eu então desvairado, louco, transido de horror, dei um salto até á porta, á qual encostei duas cadeiras, fechei as janellas com medo daquella lua impassivel que pela sua mudez parecia escarnecer-me, arrumei a mala rapidamente e, logo que amanheceu, despedi-me de D. Guilhermina a quem expliquei, embaraçado, que me retirava por ter sonhado que mamãe estava morrendo e clamando por mim. Guardei para todos de casa o mais absoluto segredo, porém, um dia, mamãe interpellou-me energicamente, allegando que a mãe de Linneu exigia conhecer a verdadeira razão da minha brusca partida. Revelei-lhe então tudo, e revolvemo-nos em conjecturas diversas.

Que fôra aquillo? Allucinação? Sonho? Somnambulismo? Teria sido a pobre Margot victima de alguma excitação doentia, em que os seus nervos abalados pela dansa e pelo Champagne, a conduzissem ao meu quarto sem ella mesma saber a razão? De que especie era o mal que me fizera? Que significava semelhante confissão? O que te posso garantir, meu amigo, é que ainda hoje relembro aterrado aquelle momento tragico, e sempre que a lua arrasta a sua tunica pelas alamedas e aposentos, distingo o fantasma branco agarrado a meus pés, gemendo dolorosamente:

— "Leopoldo! não sou culpada do mal que te fiz; perdoa! perdoa!".

IRACEMA GUIMARÃES VILLELA

UM SEGREDO CONTRA OS CRAVOS

Os pontos negros, a gordura da cutis e a dilataçao dos póros cutaneos do rosto, são molestias que em geral nos assaltam juntas. Entretanto, temos a vantagem de poder combatel-as, em instantes, por meio de um novo e unico procedimento. Põe-se em um vaso de agua quente uma tablette de stymol, que, ao se dissolver, produz uma encrespada espuma. Quando tiver cessado a effervescencia, usa-se a agua assim "stymolisada" para banhar-se o rosto, enxugando-se em seguida com uma toalha. Os intrusos pontos negros sahem da cutis para desapparecer na toalha; os grandes póros gordurosos contraem-se como por encanto e borram-se do rosto; e tudo isto sem que a cutis soffra a menor acção de força, violencia ou oppressão. Graças ao stymol, que se encontra em todas as pharmacias, a pelle fica lisa, macia e fresca, sem experimentar damno algum. Repetindo algumas vezes este tratamento, com intervallos de tres ou quatro dias, consegue-se rapidamente a limpeza total do rosto, dando a este embellezamento um caracter permanente e definitivo.

Os Cafés de Lisbôa e os seus aspectos

(FIM)

Os cafés de Lisbôa!

Nelles está toda a vida agitada da amoravel e linda capital portugueza, engalanada festivamente com as suas sete collinas como sete thronos resplandecentes de pomposo lausperene.

Gastão de BETTENCOURT

EXISTE O FEITIÇO?

PÓDE-SE DESPERTAR EM QUALQUER PESSÔA VIOLENTO ODIO, OU PROFUNDO AMOR, POR MEIO DA FEITIÇARIA?

Leia o maravilhoso livro **Farras Com o Demonio**, de João de Minas. Factos rigorosamente verdadeiros. Desse livro, diz Nestor Victor, n'O Globo:

"Farras com O Demonio" é um livro que com o correr dos dias todo brasileiro que sabe ler conhecerá". Diz Veiga Miranda: é uma **"galeria de assombros"**. Em todas as livrarias.
Bentes Leal

Philanthropias...

(F I M)

E deixou-os na ante-sala, amarfanhados de angustia.

Nesse dia, Manuel de Carrazedo voltou ao hotel de onde não tardaria a ser expulso, com uma expressão maior, a alma em tenebras. A mulher tambem. Desenganadissimos.

A' noite, vendo o marido enfermo e vendo os filhos contentes na inconsciencia da miseria que os rodeava, dona Maria Carrazedo meditou:

— Onde os philanthropos de que falam os jornaes, os que se fazem condes, viscondes e marquezes e têm estatuas nas praças e nomes nas ruas? Onde os corações generosos que se fecham á desgraça do proximo e lhes negam uma moeda, até uma palavra bôa?

Onde esses homens que ella não achava? E ella fôra bater exactamente á porta dos que vira citados nos jornaes, dos que vira enaltecidos nos jornaes.

A mentira das philanthropias!

E dona Maria Carrazedo chorava nessa noite, desilludida de todos.

— Só uma salvação nos resta, disse ao marido. Regressarmos a Carangola.

— Mas, como? inquiriu o marido infeliz.

Dona Maria Carrazedo foi no dia seguinte á Policia pedir passagens: negaram-lh'as. Recorreu á politica do seu Estado. Nada obteve. Foi aos jornaes.

Um reporter amigo de um ministro conseguiu fazel-os regressar. E no mesmo dia, desilludido da metropole, desilludido dos philanthropos que os jornaes glorificam, Manuel de Carrazedo com a mulher e os filhos regressava a Carangola, onde as creaturas bôas o são pelas acções e não atravez de lendas e mentiras...

CARLOS RUBENS

Officinas Graphicas d'O MALHO